



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Lugares de Fronteira: as Tascas Localizadas nas
Portas da Muralha Fernandina de Évora**

Mónica Filipa Ferreira Lamas

Orientação: Professor Doutor João Soares

Professor Luís Ferro

Professora Doutora Domingas Simplício

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2016

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Lugares de Fronteira: as Tascas Localizadas nas
Portas da Muralha Fernandina de Évora**

Mónica Filipa Ferreira Lamas

Orientação: Professor Doutor João Soares

Professor Luís Ferro

Professora Doutora Domingas Simplício

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2016

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri

Aos meus pais e irmão, pelo constante acompanhamento e apoio demonstrado durante a realização do curso de Arquitectura da Universidade de Évora.

AGRADECIMENTOS

Desejo manifestar o meu reconhecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho de investigação.

Quero agradecer ao professor João Soares, ao professor Luís Ferro e à professora Domingas Simplício pela orientação do trabalho, disponibilidade, numerosas sugestões e enorme apoio.

À Câmara Municipal de Évora, pela disponibilidade das muitas consultas documentais que realizei. Aos funcionários, pelo atendimento e procura eficaz de elementos que necessitava na Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Arquivo Fotográfico, Núcleo de Documentação, Arquivo Municipal e Livraria Municipal de Évora.

Aos taberneiros e locais da cidade, que muito gentilmente me receberam e me deram informação necessária, entre os quais o Sr. Manel dos Potes por me fazer um guia turístico das tascas mais afamadas do século XX e ao Sr. Pita pela cedência da documentação do livro *Tascas de Évora*, do grupo Pro-Évora.

Por último, aos meus pais e irmão, Tiago Borges e Filipa Almeida pelas críticas, ajuda e enorme apoio durante este processo.

Devo expressar um muito obrigado a todos os referidos, que me ajudaram e encorajaram, no período de realização desta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objecto de estudo o conjunto das tascas localizadas nas portas da Muralha Fernandina de Évora. Praticamente desaparecidos espaços ainda íntegros, pode-se considerar que estas construções integram uma rede de estabelecimentos composta por estruturas militares, religiosas, de lazer e de carácter colectivo, que se encontram associadas e caracterizam as portas medievais de Évora.

O objectivo desta investigação é o estudo urbanístico e arquitectónico das portas urbanas, e o modo como os estabelecimentos de venda de bebida configuraram as diversas narrativas urbanas a partir de diferentes orientações políticas ao longo dos tempos.

O caso de Évora é tomado como base de trabalho por ser legível ainda uma imagem de conjunto, a partir de vestígios, exemplares minimamente conservados, fontes históricas, impressas e fotográficas. A articulação urbana típica e recorrente, na relação directa tasca-porta, pode-se encontrar noutras cidades alentejanas, e nas cidades amuralhadas em geral.

Palavras-chave: Tascas Eborenses; Portas da Muralha Fernandina de Évora; Políticas Urbanísticas.

PLACES OF FRONTIER: THE TAVERNS LOCATED IN THE GATES OF ÉVORA'S FERNANDINA WALL

ABSTRACT

This dissertation has as subject the study of the taverns located in the gates of Évora's Fernandina Wall. Despite the almost disappearance of intact spaces, it can be considered that these buildings are part of a network of institutions composed of various structures such as military, religious, recreational and collective character, which are associated and feature the ancient medieval gates of Évora.

The aim of this investigation is the urban and architectural study of the urban gates, and how the beverage outlets have represented the various urban narratives from different political orientations over time.

The case of Évora is the base of work by being a readable group, from traces, minimally preserved specimens, historical, printed and photographic sources. The typical and recurrent urban articulation, in a direct relation tavern-gate, can be seen in other Alentejo towns, and walled cities in general.

ÍNDICE

Introdução	13
Objecto	15
Objectivo	19
Estado da Arte	21
Metodologia	25
01. Lugares de Fronteira	27
1.1 Síntese Histórica	29
1.2 Conjuntos Espaciais de/no Limite	39
02. Tascas Junto às Portas de Évora	47
2.1 Portas de Avis	59
2.2 Portas da Lagoa	75
2.3 Porta de Alconchel	91
2.4 Porta do Raimundo	103
2.5 Porta de Mendo Estevens	115
Considerações Finais	125
Fontes e Referências Bibliográficas	129
Créditos de Imagem	135

INTRODUÇÃO



Figura 1. Cartaz a apelar ao consumo de vinho, editado pela Junta Nacional do Vinho, 1939.

OBJECTO

O objecto de estudo deste trabalho de dissertação de mestrado é o conjunto das tascas localizadas nas portas da Muralha Fernandina da cidade de Évora.

É de salientar que Évora sempre foi conhecida como a cidade das tascas, já que era muito afamada pela sua quantidade e qualidade, pois «(...) nos anos cinquenta e sessenta, era uma vila grande onde as tabernas ainda coloriam as ruas velhas de figuras populares (...)» (Pro-Évora, 1992: 11). Muitas delas permaneciam no mesmo local vários anos, passando de geração em geração e outras surgiam devido à transformação de algumas adegas. Por norma, localizavam-se em esquinas, ruas estreitas e de muita movimentação (Pro-Évora, 1992: 16).

Foi no início do século XX que o vinho teve grande impacto em Portugal, resultando num grande aglomerado de vestígios que se podem verificar através de fotografias, edifícios, depoimentos verbais e anúncios publicitários¹.

Como referiu Dulce Freire no livro *Produzir e Beber - A questão do vinho no Estado Novo*, «a vinicultura era, a par dos cereais, um dos esteiros do país essencialmente agrícola e rural que, nesta altura, o novo regime ambicionava preservar. O *slogan* consagrado nesta década afirmava, justamente, que "beber vinho é dar pão a um milhão de portugueses" [figura 1]. As actividades ligadas à produção e comercialização do vinho interessavam a mais de metade da população e estavam a estender-se por todo o Continente. Em vastas regiões, a vitivinicultura era fundamental para a viabilidade económica de grandes e pequenos proprietários e garantia a reprodução das relações sociais locais» (Freire, 2010: 18).

A crise mundial dos anos 30 causou uma redução do poder de compra de vários mercados, outrora frequentes, para o vinho português. Foram então realizadas campanhas de propaganda de incentivo ao consumo interno promovidas através de palestras na Emissora Nacional, livros e artigos em jornais. O Estado Novo ao defender o vinho ajudava a escoar as sobras das adegas, aumentando assim a riqueza nacional (Freire, 1999: 22-28).

Deste modo verificou-se o aumento exponencial de estabelecimentos de comercialização de vinho, com especial incidência nos lugares de maior circulação e de reunião de pessoas e bens. As portas urbanas, os largos e praças imediatos, sendo locais de grande concentração humana, assistiram à edificação de tascas, devendo-se ao facto de terem sido locais de encontro para a realização de negócios, descanso de comerciantes e viajantes. Forneciam comida, bebida, diversão e, em alguns casos, espaços para pernoitar.

¹ Informação obtida pelos Jornais "Democracia do Sul" e "Notícias de Évora", situados na Hemeroteca de Évora.



Figura 2. Tasca Miguel Fernandes, junto à Porta de Mendo Estevens, 2015.

Nas antigas tabernas e estalagens, as pessoas confortavam-se, descansavam e preparavam os seus animais para as próximas caminhadas².

O conceito de tasca abrange, assim, um espaço que faz parte de um todo arquitectónico mais vasto: coincide com as construções das portas das muralhas.

Ao longo desta investigação verificou-se que a maioria das portas de Évora é sempre acompanhada por uma ou várias estruturas de comercialização de vinho - veja-se o exemplo da figura 2. Tendo em conta a singularidade destes espaços, no meio em que se inserem e da forma como evoluíram, achámos pertinente focar e analisar com mais detalhe aqueles que se encontram adossadas à cerca medieval.

No entanto, a legislação política do século XX influenciou o encerramento de algumas tascas, verificando-se um decréscimo. Porque é que algumas destas construções desapareceram nas entradas da cidade de Évora? Porque é que deixou de se produzir vinho nos próprios estabelecimentos? Porque é que houve mudanças na sua arquitectura? De que forma é que se relacionam com a envolvente?

² Informação obtida pelo depoimento do taberneiro Pita, em Évora.



Figura 3. Antiga tasca junto à entrada da Porta de Avis (canto esquerdo), anos 60.

OBJECTIVO

A dissertação, *Lugares de Fronteira: as Tascas Localizadas nas Portas da Muralha Fernandina de Évora*, tem assim os seguintes objectivos:

1. Analisar a articulação das tascas no conjunto urbanístico das portas medievais, juntamente com largos/praças, capelas/conventos, chafarizes/fontes;
2. Estudar os vários posicionamentos políticos a que estas estruturas foram submetidas ao longo do tempo, através da análise da legislação relativa às unidades de restauração e bebidas.

Ao estudarmos as metamorfoses das tascas, para além da intenção de inventariar e criar memória destes edifícios, pretendemos encarar estes espaços numa perspectiva urbanística e política, pois tornaram-se vinculadores de comércio e da estrutura urbana e social da cidade.

Existe a necessidade de alargar o âmbito desta pesquisa com o intuito de trazer as tascas para os dias de hoje e para o discurso urbanístico contemporâneo.

Apesar de algumas edificações já não existirem, como a que se exemplifica na figura 3, outras encontram-se no mesmo local e com a mesma ambiência, apesar de terem sido sujeitas a diversas mudanças arquitectónicas. Espera-se desenvolver uma melhor compreensão da origem, evolução e identidade, do relacionamento intrínseco que existe entre a arquitectura das tascas e a sua envolvente urbana.

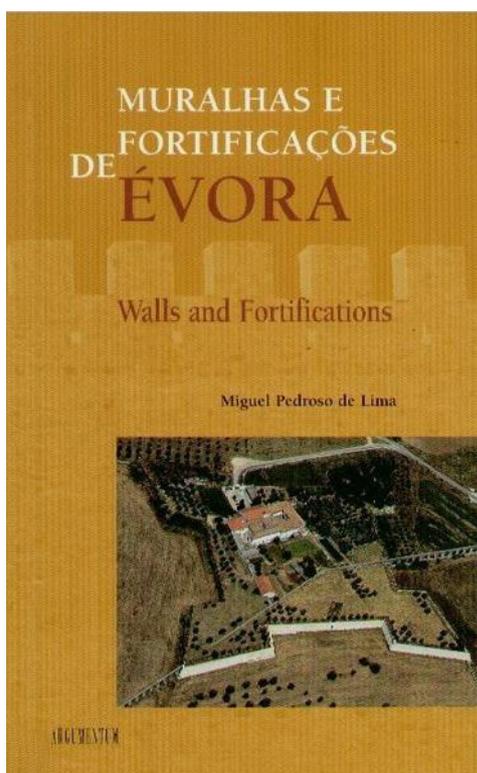


Figura 4. Muralhas e Fortificações de Évora, Miguel Lima, 2004.

ESTADO DA ARTE

Para a realização deste trabalho foram consultadas várias obras relativas à cidade de Évora e às respectivas tascas. Relativamente às fontes impressas, que forneceram fortes contributos, destacamos vários livros e artigos que abordaram temas importantes para o desenvolvimento desta investigação.

A análise da evolução urbanística de Évora, desde a Idade Média até hoje, foi essencial para o conhecimento do território em estudo.

Encontram-se referências ao tema no artigo de Domingas Simplício, *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval* (2003), na medida em que aborda temas referentes ao desenvolvimento urbanístico das muralhas e entradas da cidade, desde a época romana até ao século XVI, bem como das ruas mais importantes da urbe, onde se incluíam as adegas.

A dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, publicada com o título *Os "Restauros" e a memória da cidade de Évora* (1998) de Maria Fernandes, forneceu um maior contributo para o conhecimento dos restauros monumentais ocorridos entre 1930 e 1980 na cidade eborense. Tanto as portas como a cerca medieval sofreram políticas de conservação, restauro e valorização, para reconhecimento como património edificado.

Elaborado em 2001 pela Câmara Municipal de Évora, *Riscos de um Século* é um pormenorizado trabalho de pesquisa documental que mostra a evolução urbana da cidade através de imagens fotográficas. O livro, catalogado com informação desde 1860 até 2000, é constituído pelas alterações efectuadas na cidade, como os seus limites; as primeiras representações cartográficas; a evolução de praças e jardins; a formação do Grupo Pro-Évora; a criação de novas infra-estruturas e o Planeamento pós-25 de Abril, muito marcante para o município.

As portas da cidade de Évora, bem como a constituição da sua envolvente, são destacadas em duas obras que, por possuírem pontos de vista distintos, completaram o tema.

O livro de Miguel Pedroso de Lima, *As muralhas e fortificações de Évora*, datado de 2004 (figura 4) foi importante para esta dissertação na medida em que descreve a evolução, demolição e reconstrução das muralhas de Évora e das suas respectivas portas. Miguel Lima pretende dar a conhecer o estudo da tipologia construtiva e arquitectura militar da cidade. Fornece-nos também inúmeros elementos relativos à reconstrução de muitos troços desaparecidos da muralha, que levantaram sempre algumas dúvidas, bem como caracteriza a tipologia dos edifícios e interior dos quarteirões.

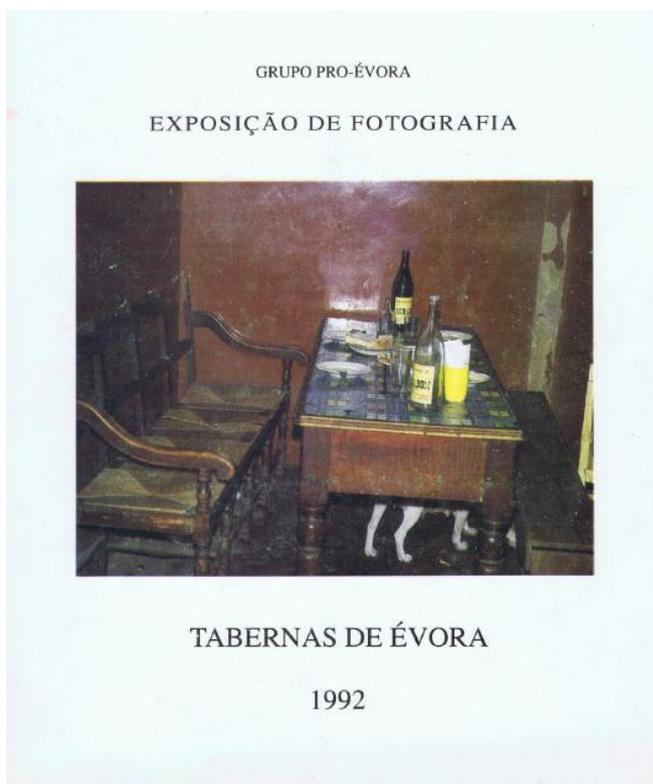


Figura 5. Tabernas de Évora, Grupo Pro-Évora, 1992.

A dissertação de doutoramento do arquitecto António Borges Abel, *Os Limites da Cidade* (2008), aborda um ensaio à cidade de Évora, de maneira a estabelecer-lhe limites físicos que possam ser referências espaciais e psicológicas para quem os atravesse. Defende que a cidade é o lugar central, e sugere futuras hipóteses de portas para a mesma. A primeira parte da tese foi importante para esta investigação pois o autor defende o conceito "porta" como elemento estruturante do espaço e do tempo, delimitando e ordenando os espaços, interior e exteriormente.

Diversos autores realizaram estudos sobre as tascas. Temos várias referências a este tema, como o trabalho de projecto de mestrado de João Rodrigues, *A memória e a actualidade das tabernas do concelho de Grândola* (2012), onde o autor defende que o espaço da taberna, para além de reflectir inevitavelmente as mudanças socioculturais e político-económicas, transmite memória e saberes, que devem ser preservados através de políticas de salvaguarda; o livro editado pelo Grupo Pro-Évora³, *Exposição Fotográfica - Tabernas de Évora* (1992), inclui as vivências, descrições dos costumes e memórias destes espaços registados também em fotografias entre a década de setenta e noventa. Este trabalho, efectuado há mais de vinte anos, indicava já a importância de catalogar os hábitos e costumes destes espaços tão representativos da região; o artigo de Luciana de Campos, *In Taverna Quando Sumus: A taberna medieval como espaço de prazer e poder* (2013), que se dedica ao estudo social da taberna, descrevendo o quotidiano através da sua representação na literatura, como espaço de prazer e lazer na era medieval.

Completámos a pesquisa a nível de referências bibliográficas com os textos de Dulce Freire, *Retratos de um país vinícola* (1997); *Propaganda vitícola no Estado Novo. A bebida nacional* (1999) e *Produzir e Beber. A questão do vinho no Estado Novo* (2010). As fontes mencionadas revelaram-se importantes para o desenvolvimento e compreensão do tema referente ao consumo de vinho no Estado Novo. A autora evidencia o grande impacto que a produção vinícola teve no país no século XX, e de que forma isso contribuiu para o aumento de riqueza e economia nacional.

Através das fontes orais, conseguimos colmatar um pouco o desconhecimento dos fundos impressos, até porque a memória dos locais contém informação mais detalhada sobre estes espaços que os próprios livros.

³ O Grupo Pro-Évora é uma Associação de Defesa do Património da cidade de Évora, sem fins lucrativos, fundado a 16 de Novembro de 1919. É membro fundador do centro UNESCO de Évora e, até hoje, realiza actividades culturais e exposições, contribuindo para a valorização do património histórico e artístico da cidade.

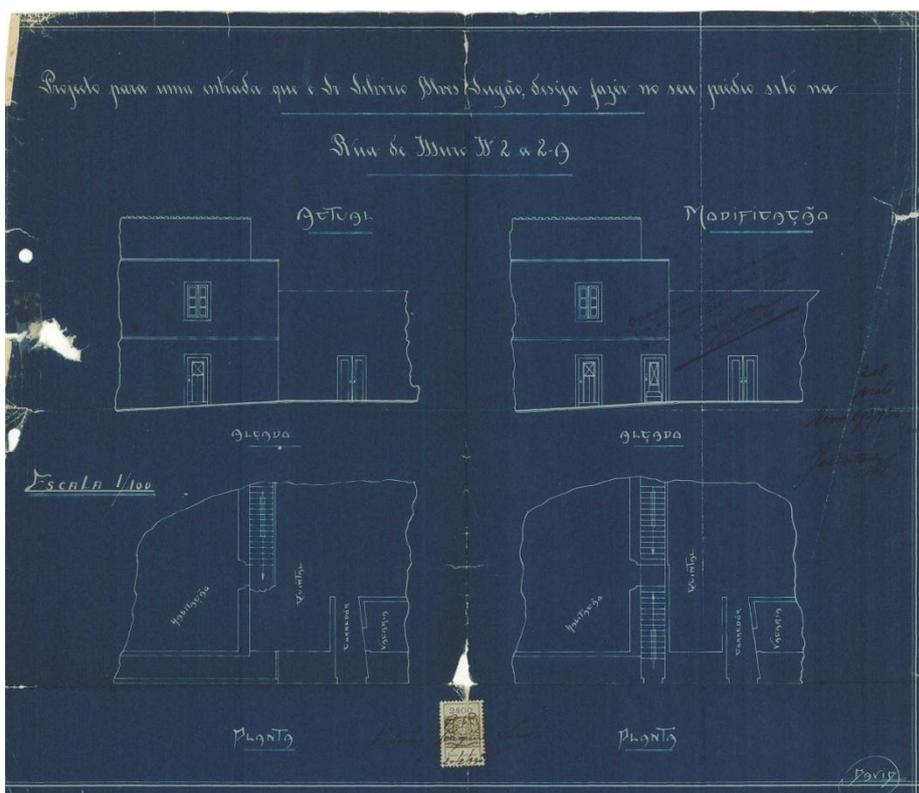


Figura 6. Plantas e alçados de um projecto para uma entrada do edifício situado na Rua do Muro, nº 2 (que mais tarde viria a ser a tasca Má-Modo), anos 20/30.

METODOLOGIA

Este estudo parte de uma análise pormenorizada das tascas numa perspectiva urbanística, através de fontes históricas, impressas, manuscritas, bem como levantamentos arquitectónicos e fotográficos, relativos à evolução destes espaços ao longo dos últimos cem anos em Évora - constantes na Biblioteca Pública e Biblioteca Geral da Universidade de Évora, no Arquivo Fotográfico, Arquivo Municipal e Livraria da Câmara Municipal de Évora, bem como no arquivo da Direcção Regional de Cultura do Alentejo.

A Câmara Municipal de Évora e o respectivo Arquivo Municipal contém informação detalhada de plantas, como o exemplo da figura 6, que auxiliaram muito o trabalho, pois permitem analisar o que foi reestruturado e alterado desde os meados do século XX até à actualidade.

As fontes iconográficas foram extremamente úteis, por serem raras e desconhecidas. Os documentos existentes no Arquivo Fotográfico contém fotografias centenárias da cidade, religiosamente guardadas, que ajudaram bastante nesta investigação, tendo em conta que muitas alterações já foram executadas até aos dias de hoje.

Com a informação retirada do livro *Exposição Fotográfica - Tabernas de Évora* (Pro-Évora, 1992) analisámos a situação actual de todas as tascas mencionadas no documento, e concluímos que grande parte destes estabelecimentos encerrou, estando uns destruídos e outros parcialmente modificados.

Foi também importante estudar e analisar a legislação acerca destas estruturas, pois evidencia as alterações operadas ao longo dos últimos cinquenta anos.

O trabalho de campo possibilitou-nos obter informações mais exactas, através do esclarecimento de algumas dúvidas por parte dos taberneiros e seus clientes. Estudaram-se vários espaços comerciais que outrora tiveram mais vivência e importância no quotidiano da população pois, segundo os habitantes locais, haviam tascas relativamente próximas umas das outras, ainda no início da década de 80.

Podemos, portanto, encontrar nesta documentação elementos essenciais sobre as tascas da cidade eborense, que esta investigação publica, critica e avalia pela primeira vez.

01. LUGARES DE FRONTEIRA

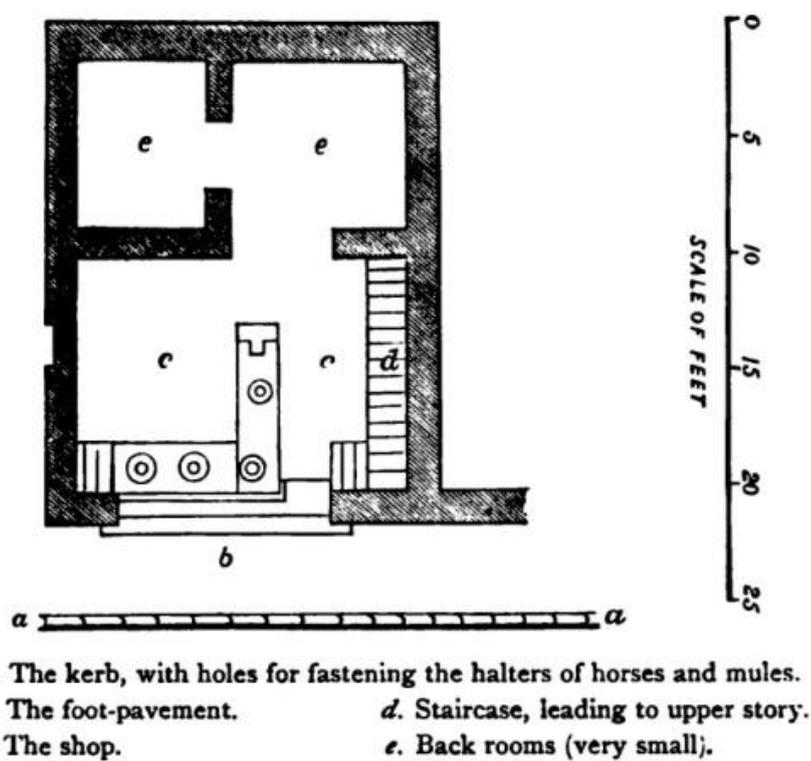


Figura 7. Planta de um Thermopolium, Pompeia.

1.1 SÍNTESE HISTÓRICA

Historicamente, a produção, armazenagem e comercialização do vinho em regime industrial e sistemático foi uma prática inaugurada pelos romanos; porém, a cultura vinhateira e o seu simbolismo (por vezes de dimensão mitológica e divina) tem origens muito anteriores, que o povo Romano continuou e ampliou.

A palavra "taberna" é um termo genérico que advém do latim e significa "lugar de comércio". Recorrendo a Claire Holleran, podemos saber que, «as *tabernae* eram a componente chave do comércio de Roma, e o seu papel central na vida social e económica da cidade é indicado tanto pelos vestígios de materiais bem como pela escrita. (...) As provas literárias, juntamente com o material arqueológico desenhado a partir de unidades convencionais identificadas como *tabernae*, demonstram que, como a função das *tabernae* era principalmente comercial, elas podiam ser usadas por uma vasta variedade de actividades de negócios» (Holleran, 2012: 99). Estas unidades eram comuns em centros urbanos como Óstia, Pompeia e Herculano (Holleran, 2012: 99). Isto demonstra que as *tabernae* eram indicadores do sucesso económico, crescimento e expansão do Império Romano, daí o modelo ter persistido vários anos.

Segundo William Adams, no livro *The buried cities of Campania; or Pompeii and Herculaneum, their history, their destruction and their remain*, o termo apropriado, entre romanos, que melhor define o serviço de venda de vinhos é *thermopolium* (Adams, 1881: 60). Estes espaços, por norma perto do *Forum*, foram a origem das tão características tabernas que hoje conhecemos. Serviam de lugar de encontro para discutir os mais variados interesses, como os impostos, a última guerra e o trabalho árduo do dia-a-dia (Puerto, 1993: 8).

Assim, estes espaços eram em tudo semelhantes ao palco de festa, diversão mas também debate, discussão, troca de ideias, com especial importância nas transacções comerciais. A sua localização era estratégica pois, como refere Honorio Puerto, «passadas as portas da cidade, as tabernas marcavam as vias de comunicação, como os postos de gasolina, as áreas de serviço e lojas de *souvenirs* existentes nas nossas estradas» (Puerto, 1993: 8).

Com um tipo de loja muito específica e facilmente identificável, era a casa onde eram servidas bebidas quentes, que através de talhas embutidas nos balcões de mármore, armazenavam e mantinham aquecidos os alimentos.

Na figura 7 podemos visualizar a planta de um *thermopolium* (Adams, 1881: 59). Situada no rés-do-chão, constitui-se por uma sala e cozinha com forno na extremidade do balcão, em esquadria, distanciando-se da rua. Os quartos na parte detrás da loja são de dimensões muito reduzidas e as escadas, à entrada, levam-nos ao piso superior. O passeio, junto ao pavimento de terra batida, contém buracos para a fixação de cabrestos, cavalos e mulas.

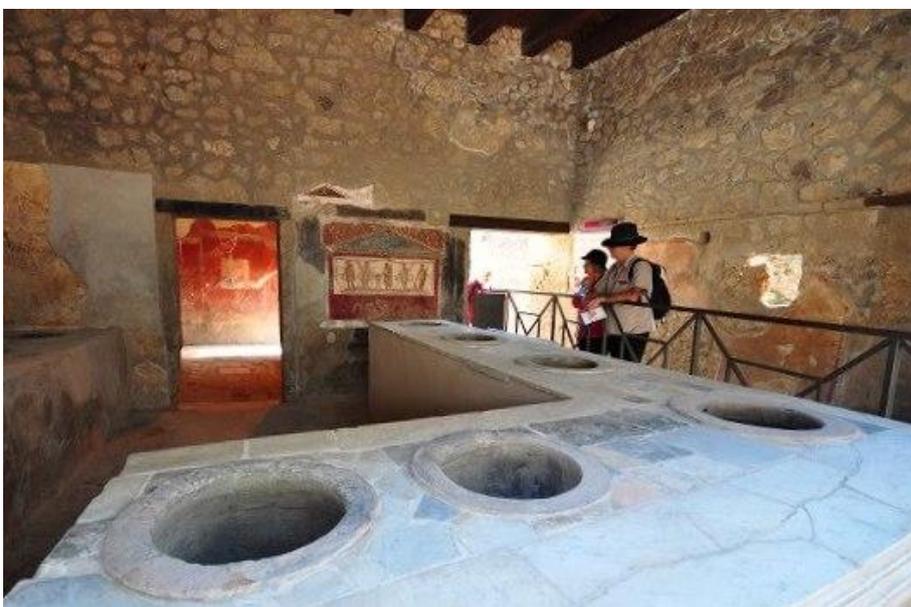


Figura 8. Taberna representada nas ruínas arqueológicas da cidade romana de Pompeia, Vetutius Placidus.

Estes espaços também eram caracterizados pelas paredes pintadas de azul e vermelho e pelos balcões de mármore (Adams, 1881: 60), como se pode conferir pelo exemplo da figura 8.

«Todas as culturas tiveram espaços que cumpriram as funções da taberna romana» (Puerto, 1993: 6), e em termos de formato foram bastante marcadas pela uniformidade. Cada taberna tinha uma grande porta de entrada - por norma, do tamanho da loja - e, acima desta, uma janela que dava entrada de luz para a *mezzanine*, onde se armazenavam os alimentos.

As unidades que correspondem a esta tipologia arquitectónica são encontradas muito facilmente nas áreas urbanas de Roma: independentes, ligadas a casas privadas (*domus*), ou no rés-do-chão de complexos públicos (*insulae*) (Holleran, 2012: 101-102).

«O termo romano mais comum para residência é *domus* (...)» (Erdkamp, 2013: 153), tratando-se de um tipo de habitação que se distinguia das *insulae* por serem destinadas a famílias mais abastadas. Era um tipo de habitação mais isolada dos grandes centros urbanos e do comércio. Desenvolvia-se na horizontal, embora pudesse haver um segundo piso. As *tabernae* comunicavam directamente com a rua e eram geralmente arrendadas a terceiros (Erdkamp, 2013: 164).

Gregory Aldrete, falando de Roma e de outras grandes cidades diz que, «apenas uma pequena percentagem de romanos cosmopolitas podiam ter a sua própria casa. O resto vivia em prédios de muitos andares [abrigoando uma grande variedade de pessoas com diferentes classes socioeconómicas]. Os romanos denominavam-nas por *insulae*, ou "ilhas", devido à maneira como ocupavam os quarteirões da cidade» (Aldrete, 2004: 78).

As *insulae* eram destinadas ao aluguer e eram bastante pequenas, normalmente só com um quarto, que chegava a albergar famílias inteiras. Este tipo de construção devia-se ao facto do acelerado desenvolvimento dos centros urbanos nas cidades romanas.

Em suma, haviam principalmente dois tipos de *tabernae* dentro do Império Romano: as encontradas em ambientes domésticos e em ambientes públicos. Pode-se assim dizer que as *tabernae* revolucionaram a economia romana, pois eram as primeiras estruturas de retalho permanentes dentro das cidades, o que significou um crescimento constante e expansão da economia na época.

Após a queda do Império Romano, as tabernas foram-se tornando cada vez mais escassas devido ao Cristianismo, que tornou tudo muito mais controlado. «O sentido de prazer romano modifica-se pelos escritos dos moralistas e pregadores que lentamente mudam o quotidiano» (Puerto, 1993: 13-14).



Figura 9. La taberna, 1460.

Foi depois ao longo da Alta Idade Média que as tabernas surgiram em grande número por toda a Europa Ocidental. Estes espaços tinham para os romanos bem como para os medievais um conceito urbano (Puerto, 1993: 7). Nas zonas rurais serviam para hospedar quem vinha de uma longa viagem, oferecendo descanso e comida, tanto para homens como para animais. Muitos frequentavam estes estabelecimentos para quebrar a monotonia e animar a cidade com tumultos e excessos. Acolhiam a nobreza, comerciantes, peregrinos e camponeses. Verifica-se assim que, a taberna medieval e da Antiguidade são semelhantes na forma de ocupação do espaço.

Os textos sagrados são uma constante na Idade Média, onde se refere o prazer de comer e beber. Neste período histórico, a informação sobre as tabernas - também conhecidas por estalagens ou albergues - chega por sermões, iconografias, canções, poemas e fábulas⁴. A iconografia medieval mostra-nos que estes estabelecimentos também eram sofisticados, oferecendo aos seus frequentadores bons produtos, situando-se por vezes junto às estradas, como se pode ver na figura 9⁵.

A realidade do quotidiano fez parte do imaginário medieval, na medida em que muitos poetas transcreviam para o papel textos líricos mais intimistas. «A lírica do século XII era veiculada por uma classe letrada, constituída por (...) estudantes e monges que erravam atrás de estabelecimentos de ensino. (...) No caso específico da lírica dos poetas vagantes, essa característica parece dever-se ao elogio dos prazeres mundanos e possíveis influências da experiência de errância entre os sectores marginais da sociedade» (Santos, 2009: 253-254).

Estes poemas eram escritos pelos goliardos, que se reuniam nos núcleos urbanos que cresciam em torno das Universidades da Europa (Campos, 2013: 2). Descreviam os hábitos e frequentadores das tabernas, baseando-se na alegria e no prazer que o vinho proporcionava naqueles estabelecimentos.

É possível encontrar essas peças, segundo James Wilhelm, no livro *Lyrics of the Middle Ages: An Anthology*. «Carmina Burana (...) é uma colecção de poemas escritos no final dos meados do século XIII, embora muitos tenham sido compostos muito antes daquele tempo. (...) Nele, há sequências e episódios dramáticos, bem como uma secção consideravelmente dedicada a canções sobre bebida, jogos, e poemas de amor» (Wilhelm, 1990: 27).

A figura 10 mostra o exemplo de uma imagem representativa destes textos manuscritos, que parece pertencer à caracterização do espaço da taberna. A colecção inclui o poema redigido em latim medieval, *In taberna quando sumus* (Quando estamos na taberna).

⁴ «Os Fabliax, pequenas fábulas satíricas escritas entre os séculos XII e XIV também são um bom exemplo do funcionamento das tabernas» (Campos, 2013: 3).

⁵ «Esta é uma taberna localizada provavelmente à beira da estrada e que dava preferência no atendimento a ricos viajantes e nobres caçadores. Há a presença de um homem acompanhado de um galgo, cão de caça dos nobres. A placa apresenta o desenho de um pássaro informando a todos que ali se serve carnes de aves e, portanto é algo destinado aos mais abastados» (Campos, 2013: 4).

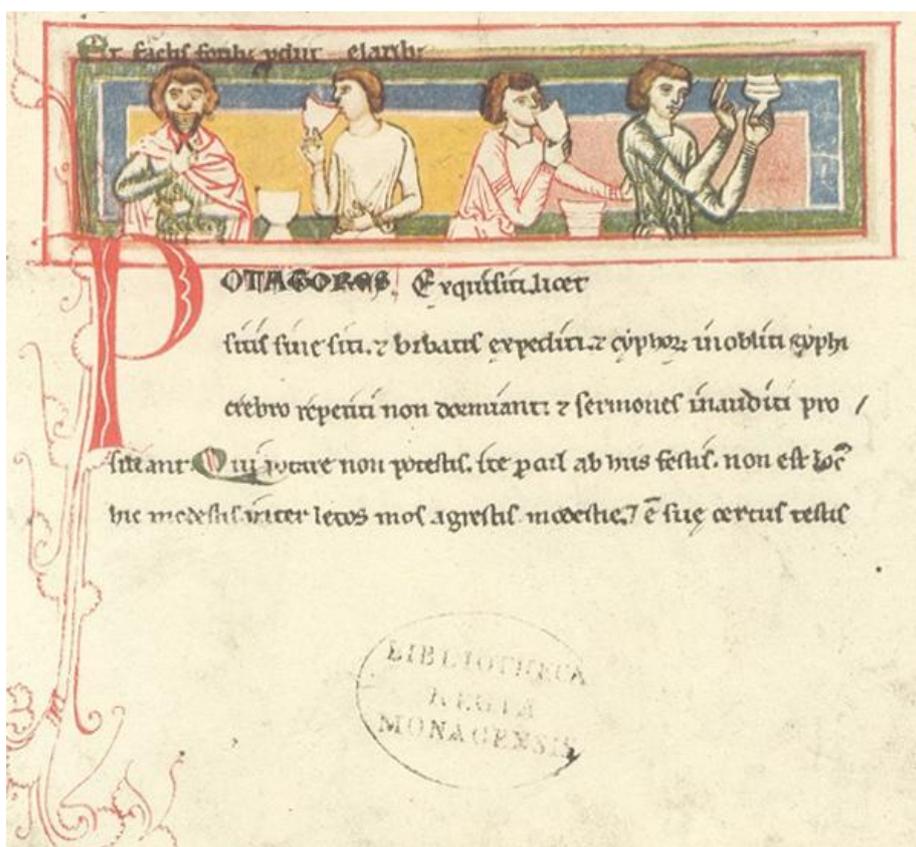


Figura 10. Codex Buranus: Miniatura da folha 89. Imagem representativa da coleção de canções Carmina Burana, nos finais do século XIII.

Quando estamos na taberna⁶

Quando estamos na taberna,
 Não pensamos na morte,
 corremos a jogar,
 o que nos faz sempre suar.
 O que se passa na taberna,
 Onde o dinheiro é hospedeiro,
 Podeis querer saber,
 Escutai pois o que eu digo.
 Uns jogam, uns bebem
 Uns vivem licenciosamente.
 Mas dos que jogam,
 Uns ficam em pêlo,
 Uns ganham aqui suas roupas,
 Uns se vestem com sacos.
 Aqui ninguém teme a morte,
 Mas todos jogam por Baco:
 Primeiro ao mercador de vinho
 é que bebem os libertinos;
 uma vez aos prisioneiros,
 depois bebem três vezes aos vivos,
 quatro a todos os cristãos,
 cinco aos fiéis defuntos,

 seis às irmãs perdidas,
 sete aos guardas florestais,
 oito aos irmãos desgarrados,
 nove aos monges errantes,
 dez aos brigões,
 doze aos penitentes,
 treze aos viajantes.
 Tanto aos Papa quanto ao rei,
 Bebem todos sem lei. (...)

⁶ Amatoria. Potatoria. Lusoria 177 - fol. 88b



Figura 11. *Deixando a taberna*, Jan Steen.

Este poema dá-nos a entender que os problemas da vida são esquecidos e a atmosfera da taberna transforma-se num ambiente de deleite e de prazer sem limites. Não se pensa na morte e venera-se Baco (Deus do vinho). No quotidiano, o vinho era visto como algo positivo, assim como o destino. Construía-se então uma utopia, onde todos se reuniam pelo prazer de beber, fazendo com que a alegria se tornasse uma constante nestes estabelecimentos.

Estes espaços foram também, ao longo do tempo, afirmados como privilegiados para manifestação da cultura popular, das ideias de contrapoder e de transmissão de conhecimentos e saberes. No entanto, eram vistos como lugares errantes, condenáveis, de distorção da razão e excesso de boémia, como se pode ver pelo exemplo da figura 11, o quadro "Deixando a taberna" do pintor holandês Jan Steen.

Luciana Campos afirma que, por norma, as tabernas eram conhecidas por se situarem em pontos de transacção, isto é, em portos e estradas, o que «proporcionou o desenvolvimento de locais, transformando muitos deles em cidades» (Campos, 2013: 6).

Sendo lugares de fronteira, a sua localização estratégica era bastante movimentada, o que facilitava o comércio, contrabando e negócio. Funcionavam, portanto, como um pequeno mercado, passando a ser um negócio muito lucrativo e, assim, administrá-la tornou-se um direito que ganhou interesse, principalmente da Igreja.

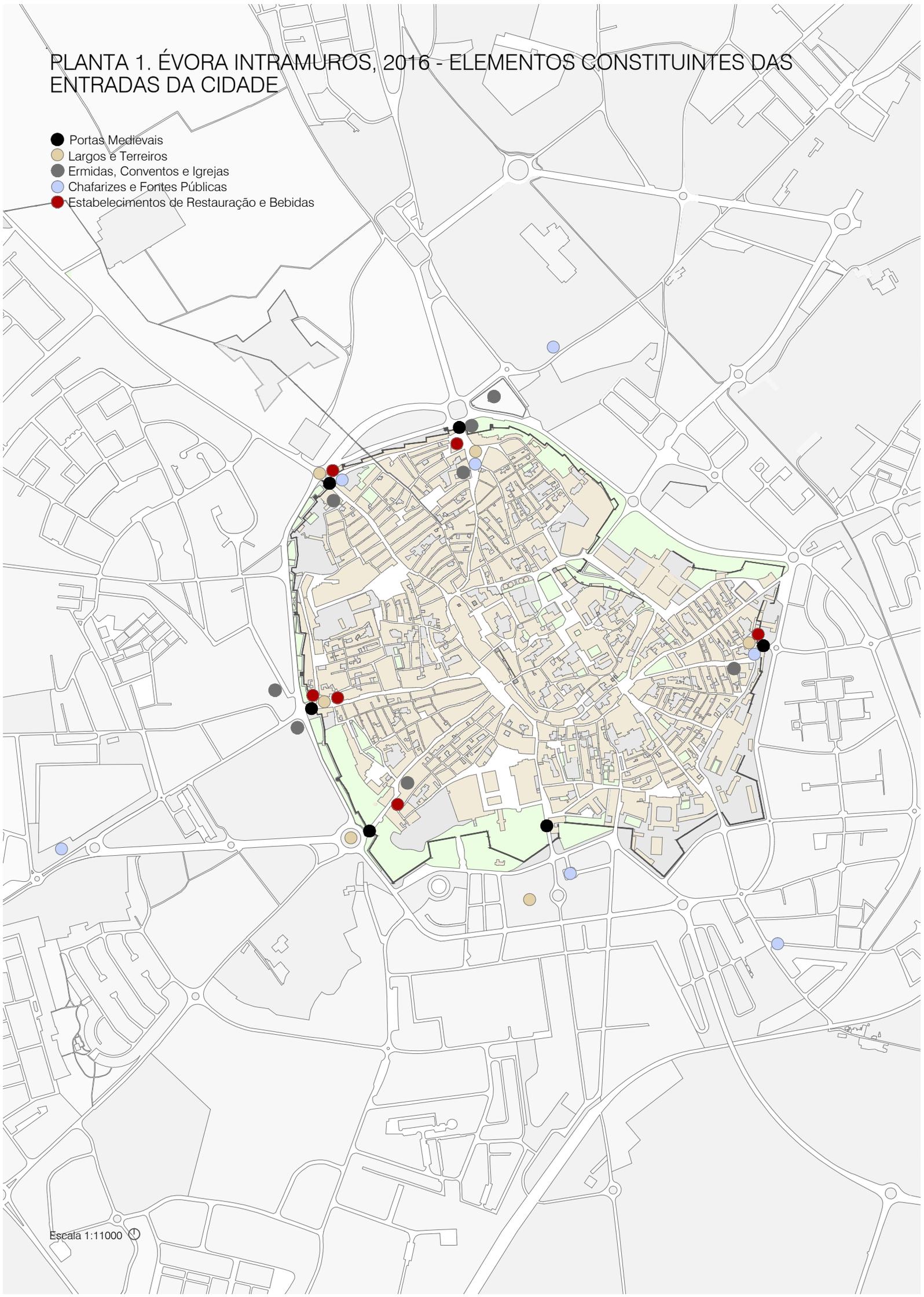
Muitas casas senhoriais e mosteiros controlavam estes geradores económicos, que se tornaram importantes postos de arrecadação de impostos e de venda de bens de primeira necessidade (Campos, 2013: 6).

Na Idade Média, Évora continha dentro da cerca nova algumas zonas não urbanizadas, de carácter rural, que se dedicavam à agricultura. O cultivo das vinhas e hortas era o modo preponderante do uso do solo na época, pois eram bens essenciais que faziam parte da subsistência da cidade.

A região alentejana foi descrita como possuindo uma fertilidade singular, aumentando a produção vinícola na Idade Média, devido à capacidade produtiva da terra. Podemos constatar essa descrição num trecho do século XVI onde se lê «a viagem de dois frades cistercienses que, acerca da região de Évora, dizem que é *"une bonne région bien cultivée de vignes et d'oliviers (...) située sur une colline, où l'on trouve de nombreux palais et de magnifiques édifices."*» (Val-Flores, 2010: 54).

PLANTA 1. ÉVORA INTRAMUROS, 2016 - ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS ENTRADAS DA CIDADE

- Portas Medievais
- Largos e Terreiros
- Ermidas, Conventos e Igrejas
- Chafarizes e Fontes Públicas
- Estabelecimentos de Restauração e Bebidas



1.2 CONJUNTOS ESPACIAIS DE/NO LIMITE

«Hoje, como ontem, é nos espaços de conexão, as portas, que a verdadeira cidade se manifesta, enquanto local de intercâmbio de mercadorias, de bens, de pessoas e de ideias (...)» (Abel, 2008: 22).

O simbolismo da porta está associado ao momento de transição entre dois mundos: o rural e urbano. Estes momentos de enclave, de passagem, de diferenciação entre o interior/exterior, da luz/negro, colidem, intersectando-se num ponto: as portas medievais da cidade de Évora.

Há um conjunto de actividades *standard* nas entradas das cidades, e isso participa da noção de porta. Nos espaços das portas existe uma representação militar (muralhas), religiosa (capelas/igrejas) e pública (largos e espaços de água).

A porta é uma pausa, um ponto de encontro. Os visitantes, ao chegarem à cidade, deparam-se com espaços públicos urbanos e elementos de água, obtendo momentos de repouso. A alimentação e estadia complementam este padrão. As tascas são uma peça essencial neste conjunto, e são tão importantes quanto os outros elementos. Este agrupamento de estabelecimentos revela-se importantíssimo do ponto de vista urbanístico (planta 1).

A articulação urbana, na relação directa com as portas da cidade pode-se encontrar noutras cidades alentejanas, e mesmo nas cidades amuralhadas em geral. Esta correspondência tasca-porta é típica e recorrente.

PLANTA 2. ÉVORA, PERÍMETRO AMURALHADO ROMANO (SÉC. III D.C.) - PORTAS ROMANAS

- Portas Romanas
- 1- Porta de D. Isabel
- 2- Porta da Selaria
- 3- Porta de Moura
- 4- Porta do Sol

Referências consultadas

- Arquivo Municipal da CME - Planta *Cidade Romana*
- Livro *As muralhas de Évora*, de Carmen Balestreos e Élia Mira



Os recintos militares são um reflexo da construção feita pelo Homem, com o intuito de conferir marcação e defesa. No caso de Évora, actualmente a sua função centra-se no impacto visual, mas durante vários séculos separavam o espaço construído do não construído, tendo como momento de transição elementos simbólicos e funcionais: as portas romanas e medievais.

Com posicionamento estratégico na parte mais elevada, para o bom domínio visual, a estrutura urbana da cidade de Évora no Império Romano era circunscrita por uma muralha de cerca de 1080m. A Acrópole - espaço urbano hierarquicamente mais importante - era constituída, no seu centro, pelo Templo Romano e o limite amuralhado continha quatro portas orientadas segundo os pontos cardeais, o cardo (eixo N/S) e o decumano (eixo E/O) (Simplício, 2003: 365-366).

A única porta de entrada da antiga cidade romana que hoje em dia é possível testemunhar, é a Porta de D. Isabel (ver planta 2). Com o seu «(...) arco principal de volta perfeita completo» (Lima, 2004: 18), a porta tem formato «(...) em guilhotina, possivelmente de ferro» (Balesteros e Mira, 1994: 9).

A Porta da Selaria, «(...) cujo arco Túlio Espanca sugere ter sido semelhante ao de D. Isabel, com aduelas duplas» (Lima, 2004: 31) seria constituída por duas torres: a Torre Caroucho, e a Torre do Anjo.

Quanto à localização da Porta de Moura, sabe-se que «era a entrada Sul do recinto fortificado, e situa-se no eixo apontado como o «cardo máximo» da Évora romana. A sua denominação advém da respectiva orientação viária em relação a Moura» (Lima, 2004: 38).

Relativamente à Porta do Sol, não foi possível encontrar muita informação. Somente um desenho da planta da cerca velha, no livro *As Muralhas de Évora*, nos dá indicação da sua possível localização, com ligação directa à Porta de Moura.

Carmen Balesteros e Élia Mira afirmam que, tanto a data de construção da antiga cerca como alguns dos seus lances proporcionam algumas dúvidas (Balesteros e Mira, 1994: 8). Esse facto deve-se, talvez, às inúmeras alterações sofridas na muralha pelo povo visigótico e árabe, após a queda do Império Romano. Sempre com grande importância política e económica, nesse longo período histórico, a cidade eborense não só sofreu metamorfoses físicas, mas também culturais. As entradas do recinto muralhado adquirem novas funcionalidades e o traçado urbano modifica-se.

Na nova urbe muçulmana, «os cardos e os decumanos eborenses, inicialmente rectos, ir-se-ão adaptar a este novo conceito da cidade, contorcendo-se, desalinhando-se (...) transformando cada espaço adjacente às portas da cidade num local de trocas, buliçoso, prenhe de vida, à semelhança, afinal, do que ainda hoje é visível nas *bab*, em praticamente todas as cidades islâmicas. A cidade estabelece novos limites, além da cerca que a continha, e inicia, ainda que apenas nos períodos de mercado, a apropriação física do território imediatamente adjacente» (Abel, 2008: 49).

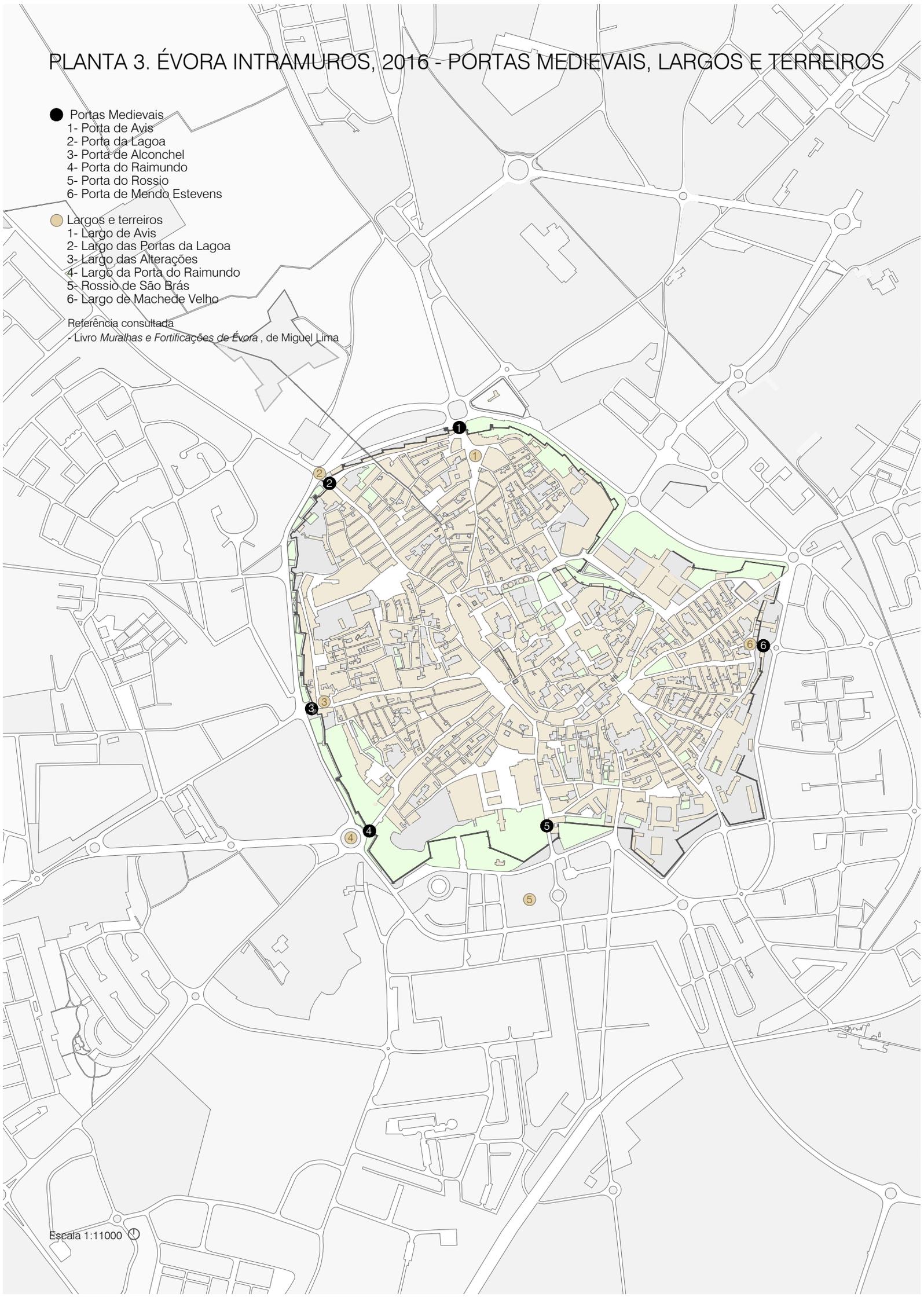
PLANTA 3. ÉVORA INTRAMUROS, 2016 - PORTAS MEDIEVAIS, LARGOS E TERREIROS

- Portas Medievais
- 1- Porta de Avis
- 2- Porta da Lagoa
- 3- Porta de Alconchel
- 4- Porta do Raimundo
- 5- Porta do Rossio
- 6- Porta de Mendo Estevens

- Largos e terreiros
- 1- Largo de Avis
- 2- Largo das Portas da Lagoa
- 3- Largo das Alterações
- 4- Largo da Porta do Raimundo
- 5- Rossio de São Brás
- 6- Largo de Machede Velho

Referência consultada

- Livro *Muralhas e Fortificações de Évora*, de Miguel Lima



A construção da Muralha Fernandina, durante os sécs. XIV-XV, levou a que as portas se tornassem privilegiadas, apesar de terem sido uma consequência da estrutura urbana da cidade pois, segundo Domingas Simplício, em *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval*, «a extensão dos sectores urbanos situados fora da Cerca Velha fez sentir a necessidade de se construir uma nova cintura de muralhas» (Simplício, 2003: 368).

De acordo com António Abel Borges no livro *Os limites da Cidade*, «o primeiro assentamento preferido, num processo de lógica de ocupação do território em função da topografia, da economia e da defesa, são as portas existentes e nunca os postigos, poternas, já que estas existem apenas para situações especiais de fuga e não são comunicação habitual e diária» (Abel, 2008: 59). Densificou-se então o tecido urbano da cidade de Évora com o crescimento ao longo das vias que acediam às dez portas medievais (entretanto perderam-se quatro), tornando-as como pontos de interesse e de passagem.

As portas tinham uma importância determinante na cidade medieval. A sua funcionalidade centrava-se na conseqüente ligação entre a cidade e o campo, dando entrada e saída de mercadorias, bens e pessoas. Era através delas que a cidade comunicava com o exterior, havendo umas com mais importância que outras.

Segundo Jacques Le Goff, havia uma hierarquia entre as várias portas de uma cidade, sendo algumas delas distinguidas pela designação de "portas de honra" (Le Goff, 1980 *apud* Borges, 1988: 108). Temos o exemplo da porta de Alconchel (planta 3, nº 3) que, por se situar na estrada de ligação em direcção a Lisboa, «serviu de local para as recepções solenes a reis, príncipes, embaixadores, arcebispos, governadores e outras ilustres figuras» (Lima, 2004: 62).

No entanto, é comum a todas as portas elementos urbanos adjacentes, que são o suporte físico de trocas entre o exterior e o interior, como as praças e largos - que por norma se situam no interior dos recintos amuralhados - e os terreiros - que conjuntamente com os espaços construídos formam os arrabaldes junto à muralha. Estes elementos de carácter público são importantíssimos dentro de um conjunto urbano.

Depois da construção da Muralha Fernandina foram-se formando, junto a esta, largos durante o século XVI, bem como o Rossio de São Brás que «(...) foi adquirindo um local de comércio, feira e mercado, interligando a cidade e o mundo rural envolvente» (Simplício, 2003: 370).

O próprio clima ameno mediterrânico e a nossa herança cultural leva-nos a sentir necessidade de desfrutar de grandes espaços abertos ao ar livre. Por serem espaços de maior circulação, era vulgarmente nas portas da cidade que se situavam espaços mais amplos, devido à facilidade de contacto com o exterior.

PLANTA 4. ÉVORA INTRAMUROS, 2016 - ERMIDAS, CAPELAS, CONVENTOS, IGREJAS, CHAFARIZES E FONTES PÚBLICAS

- Ermidas, Capelas, Conventos e Igrejas
- 1- Ermida de S. Bartolomeu
- 2- Capela da Nossa Senhora do Ó
- 3- Convento Nôvo
- 4- Convento do Calvário, antiga Capela de Vera Cruz (demolida em 1565)
- 5- Igreja dos Salesianos
- 6- Convento de Nossa Senhora dos Remédios
- 7- Ermida da Nossa Senhora da Ajuda (demolida em 1867)
- 8- Ermida de Nossa Senhora dos Remédios (demolida em 1606)
- 9- Igreja das Mercês
- 10- Capela de Nossa Senhora do Amparo (demolida em 1729)
- 11- Capela da Nossa Senhora da Cabeça

- Chafarizes e Fontes Públicas
- 1- Chafariz dos Leões
- 2- Fonte da Porta de Avis
- 3- Chafariz da Porta da Lagoa
- 4- Chafariz das Bravas
- 5- Fonte do Rossio de São Brás
- 6- Chafariz del-Rei
- 7- Chafariz do Largo de Machede Velho

Referências consultadas

- Livro *Évora: Da reconquista ao século XVI*, de Ana Borges
- Livro *Chafarizes e Fontes Públicas da Cidade de Évora*, de Madalena Guerreiro



Para além das igrejas paroquiais e conventos, muitas ermidas e oratórios situavam-se junto às portas de Évora. Pelas suas pequenas dimensões, as ermidas localizavam-se no início para protecção religiosa da maioria das entradas da cidade - veja-se a planta 4 (Borges, 1988: 147-148).

Como se pode verificar num excerto do trabalho de Ana Maria de Mira Borges referente ao *Livro das Visitações dos Oratórios desta cidade de Évora* «(...) A porta de Alconchel [continha] a Nossa Senhora da Ajuda, a porta do Raimundo tinha junto a ermida de Nossa Senhora da Orada [mais tarde, Nossa Senhora dos Remédios], à Porta da Mesquita a capela de Nossa Senhora do Amparo, e a porta de Avis a Nossa Senhora da Expectação ou do Ó. Também próximo da porta da Lagoa erguia-se a capela de Vera Cruz, que tinha anexa a casa do capelão. Foram, na segunda metade do século XVI, assim como os terrenos circundantes, incluídos no Convento de Santa Helena do Monte Calvário, construído nesse local.» (Manizola, 1591 *apud* Borges, 1988: 148-149).

Hoje em dia só é possível visualizar, junto ao Largo de Avis, a ermida da Nossa Senhora do Ó, pois as restantes foram demolidas juntamente com as respectivas portas e pela construção de novas igrejas e conventos.

É também bastante comum encontrarem-se pontos de água junto a largos e entradas de cidades, como fontes, chafarizes e bebedouros. Para além do abastecimento público, uma das razões que justificava a sua localização seria a necessidade dos caminheiros darem de beber ao seu gado, enquanto aproveitavam para repousar nas estalagens.

A planta 4 identifica os chafarizes e fontes públicas constituintes das entradas da cidade eborense. Os elementos mais antigos consolidados com a pré entrada da urbe - Chafariz dos Leões, Chafariz das Bravas, Fonte do Rossio de São Brás e Chafariz del-Rei - foram edificados durante os séculos XV e XVI com o intuito de ampliar a rede de águas nas principais vias de comunicação (Guerreiro, 1999: 7-28).

Ao longo do tempo, consoante as necessidades da época, foram então adicionados componentes que completavam as portas de Évora. O conjunto de espaços públicos, lúdicos e religiosos, juntamente com as tascas, conferiam actividades distintas nas várias entradas da cidade.

02. TASCAS JUNTO ÀS PORTAS DE ÉVORA



Figura 12. Antiga taberna no Largo de Avis, junto à capela da N. S^a do Ó, com entrada pela muralha (lado direito), 1900-1910.

Foi nas primeiras décadas do século XIX que se começou a assistir a transformações de práticas de sociabilidade, actividades associadas ao lazer e a uma maior especialização de espaços, em diferentes cidades. «Simultaneamente, nesse mesmo período, o espaço urbano modificou-se em consequência das novas noções de público e de privado» (Lousada, 2004: 95). A taberna e a rua tornaram-se espaços urbanos de sociabilidade indissociáveis, traduzindo lugares privilegiados de encontro, convívio e de cultura popular. Em Évora, temos o exemplo ilustrado na figura 12, que mostra o Largo de Avis no início do século passado, composto por alguns espaços de comercialização, como uma taberna, junto à capela da Nossa Senhora do Ó⁷.

Nos finais do século XIX «a vitivinicultura interessava a mais de metade da população do Continente. Representava uma das poucas «lanças» do capitalismo em território das auto-suficiências domésticas e regionais» (Freire, 1997: 7).

No entanto com a Grande Depressão mundial da década de 30 (que coincidiu com a implantação do Estado Novo), o sector vinhateiro viria a sofrer excedentes de produção e fraca exportação. Para uma rápida redução do produto armazenado, foram então promovidas campanhas a favor do consumo do vinho, bem como restrições ao consumo de bebidas concorrentes, através do apoio do Estado Novo. Com isto, a riqueza nacional aumentou nos anos seguintes (Freire, 1999: 22-28). As tabernas eram, assim, um meio importante na função de escoamento de produtos vínicos.

Dulce Freire afirma, em *Propaganda vitícola no Estado Novo. A bebida Nacional* (Freire, 1999: 22), que «o maior consumo de vinho está associado ao desenvolvimento urbano e ao aumento dos operários».

Na década de 1920 a 1930 o fluxo de população aumentou na zona intramuros da cidade de Évora e, conseqüentemente extravasou a cerca medieval, devido «à localização do caminho-de-ferro, fábrica dos Leões, e a proximidade das portas da cidade» (Évora, 2001: 69). A maioria das construções exteriores anexas à muralha eram edifícios ligados à função industrial e comercial.

O elevado número de fábricas e oficinas contribuíram para o aparecimento de algumas tascas, que se fixaram junto às portas medievais. Estes estabelecimentos tornaram-se vinculadores da estrutura urbana e social da cidade eborense pois, com o aumento da classe operária nestes locais, criaram-se novos espaços, bairros, ambiências e vivências nos terreiros exteriores à Muralha Fernandina.

Pela consulta do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, foi possível encontrar fotografias entre os anos 10 e 80 evidenciando as tascas acima referidas. Para melhor conhecimento sobre estes elementos arquitectónicos, já inexistentes, foi recolhida informação de fontes impressas e entidades, entre elas, a Direcção Regional de Cultura do Alentejo.

⁷ Informação transmitida verbalmente pela Técnica Superior de Arquivo da CME, Joana Aleixo.

MURALHAS DE ÉVORA

PLANO DE RESTAURO



Figura 13. Plano de Restauro de 1963, DGEMN.

-  Construções adjacentes à muralha a ser demolidas.
-  Tascas adjacentes à muralha a ser demolidas: duas nas Portas de Avis, e uma nas Portas da Lagoa.

Em 1962, no âmbito do Ministério da Saúde e Assistência, foi publicado no Diário do Governo⁸, o *Regulamento das Condições Sanitárias a Observar nos Estabelecimentos Hoteleiros e Similares*. Com as restrições e novas regras a cumprir nestes espaços, relativamente a questões de higiene e segurança, muitas casas de bebidas encerraram. As que cumpriram as exigências impostas tiveram que alterar quase por completo a sua arquitectura.

No ano seguinte, em 1963, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realizou o *Plano de Consolidação e Restauro*, que teve como finalidade o desafrontamento de várias construções anexas aos panos exteriores da cerca nova, como as tascas e os edifícios de carácter industrial situados junto às portas da cidade⁹.

A planta do Plano de Restauro (figura 13), com as duas cercas desenhadas, incluía os edifícios a demolir junto à muralha Fernandina, executando-se obras de: «(...) valorização, que incluíam a demolição da totalidade dos edifícios anexas aos panos exteriores com posterior reconstrução dos respectivos troços em falta; restauro, das quais faziam parte a total remoção de revestimentos e a reconstrução de ameias e adarve; consolidação, com acções de reconstrução em troços que ruíram ou ameaçavam ruir e, manutenção, com acções de limpeza regular e fecho de juntas com argamassa» (Fernandes, 2007: 151-152).

Este projecto foi consequência da intervenção do Estado Novo na questão política de conservação patrimonial, em 1931. A tese realizada no primeiro congresso da União Nacional sintetizou que, «os monumentos nacionais deveriam ser restaurados com devoção Patriótica (...); o critério de restauro deveria orientar-se no sentido de devolver ao monumento a sua beleza original, removendo-lhe os acrescentos posteriores e as mutilações provocadas pelo tempo e pela acção do homem; mantinha-se e reparavam-se porém as construções de valor artístico e reconhecido, mesmo que associadas a monumentos de caracteres e estilos diferentes» (Fernandes, 1998: 81).

Em Évora, os edifícios classificados foram restaurados a partir dos anos 30, entre eles, a Sé e as muralhas, verificando-se operações de manutenção, restauro, consolidação e valorização (Fernandes, 1998: 93).

A cerca velha não sofreu muitas intervenções, enquanto que a cerca nova foi quase reconstruída na sua totalidade. A demolição dos edifícios assinalados na figura 13, bem como a reconstrução de alguns troços, conferiu à muralha a sua aparência original. As obras¹⁰, a cargo da DGEMN, prolongaram-se até aos anos oitenta, mas não foram concluídas.

⁸ Diário do Governo II Série, nº 253, 10 de Outubro.

⁹ Informação retirada do Processo nº 2.00.001; LOC 156. *Dados sobre obras de restauro e conservação das muralhas Fernandinas, recolhidas no Arquivo da DGEMN*, Direcção Regional de Cultura do Alentejo, Évora.

¹⁰ «Obras nas portas de Alconchel e troço da Muralha anexo em 1966, nas Portas de Aviz em 1967, entre as Portas de Aviz e rampa do Seminário em 1968 e 1970, nas Portas do Raimundo em 1970, entre as Portas de Aviz e da Lagoa em 1971, junto à circunvalação em 1973, entre a Porta da Lagoa e de Alconchel e Rossio em 1973 e 1977 até 1980» (Pereira, 2009: 81).



Figura 14. Tasca Manel dos Potes, Évora, 2015.

Após a queda da ditadura em Portugal, e tendo em conta a posterior adesão à CEE, iniciou-se uma nova ideia cuja intenção era limitar a produção e comercialização de vinho com o encerramento de inúmeras tascas, baseado no lançamento de legislação que todos sabiam que iria provocar o irremediável decréscimo de uma cultura vinhateira popular.

Assim, a produção de vinho nas tascas foi proibida pelo Governo. Até à década de 1970 existiam oito regiões demarcadas¹¹, e o resto do país produzia para consumo local e centros urbanos, mas com fraca qualidade. A viticultura nacional apresentava, «vastas superfícies pouco adequadas, porta-enxertos e castas produtivos e incaracterísticos, não acompanhamento das modificações na viticultura, largos contingentes permanentes e sazonais de mão-de-obra, pouca mecanização, má vinificação» (Freire, 1997: 7).

Foram então demarcadas novas regiões de vinho com o Decreto-Lei de 1979. Este decreto indicava que era importante melhorar a produção e comercialização dos vinhos de qualidade. Os art. 1.º, 6.º e 8.º declaravam que, a fabricação do vinho, só deveria ser realizada dentro das regiões demarcadas e regulamentadas, em adegas controladas por entidades que certificassem a origem e genuidade dos produtos, mais tarde sujeitos a exames analíticos e organolépticos¹².

Esta legislação realizada servia apenas um programa político de "higienização" cultural, baseado na ideia de modernidade e inovação. Com as novas regras e exigências a cumprir, a rede de estabelecimentos de venda de bebida perdeu funções e rituais que já não se verificam nos dias de hoje.

Por conseguinte, algumas tascas procuram misturar elementos do passado e presente. Passam a servir, por exemplo, refeições em vez de petiscos, mas ainda com elementos presentes caracterizadores do espaço, como «o barril do vinho, o garrafão, o funil, as medidas usadas na venda de vinho (...) azulejos, esculturas de argila, artesanato (...)» (Rodrigues, 2012: 44). Casos deste género podem encontrar-se em Évora, na Taberna do Pita, na Taberna Quarta-Feira ou na Tasca Manel dos Potes (figura 14).

¹¹ As regiões demarcadas - Porto, Carcavelos, Setúbal, Madeira, Vinhos Verdes, Dão, Colares e Bucelas - tinham o propósito de servir uma produção de qualidade para os mercados internacionais.

¹² Decreto-Lei 519-D/79 de 28 de Dezembro.

Artigo 1.º - 1 - Em relação ao sector vitivinícola, as denominações de origem só poderão ser aplicadas a produtos de qualidade originários de regiões demarcadas e regulamentadas com estatuto próprio, cujas características sejam essencialmente devidas ao meio natural e a factores humanos, e que satisfaçam as exigências constantes deste diploma.

Art. 6.º - 1 - As transformações das uvas em mostos e dos mostos em vinho, salvo em casos especiais, deverão ser realizadas dentro da região, em adegas inscritas para o efeito, ficando sob controle das entidades competentes, as quais, para assegurarem a origem e genuidade dos produtos, definirão o necessário condicionalismo, nomeadamente através do estabelecimento de contas correntes específicas.

Art. 8.º Os vinhos a que se refere o presente diploma, para beneficiarem da respectiva denominação de origem, deverão ser sujeitos a um exame analítico e a um exame organoléptico nos termos gerais legalmente estabelecidos para os vinhos das regiões já demarcadas.

PLANTA 5. ÉVORA, 2016 - TASCAS INTRAMUROS

TASCAS EXISTENTES NOS ANOS 70

● Mantêm a função - 2016

- 1- Manuel dos Potes - Rua do Amauriz, 9 (Produzia vinho)
- 2- Pita - Rua do Inverno, 5 (Produzia vinho)
- 3- Taberna Típica Quarta-Feira (Pincel) - Rua do Inverno, 18 (Produzia vinho)
- 4- Tasquinha Malagueta (Canhão) - Largo das Alterações, 17
- 5- Tasquinha a Mata (Chico da Amieira) - Rua do Raimundo, 113 (Produzia vinho)
- 6- Tasquinha Farrobo (Manuel da Igreja) - Rua do Apóstolo, 4
- 7- Miguel Fernandes (Pingarilho) - Largo de Machede, 28

● Encerradas

- 8- Má - Modo - Rua do Muro, 2 (Produzia vinho)
- 9- Cantinho do Chão das Covas - Largo do Chão das covas, 1
- 10- Manê da Igreja - Rua do Apóstolo, 4
- 11- Lamarosa - Rua Menino Jesus, 15-B
- 12- Zé das Isças - Rua de Santa Catarina, 3
- 13- Grilo - Rua de Soeiro Mendes, 4
- 14- Menino Jesus - Rua de Alconchel, 67
- 15- Pascoal - Rua Bernardo Matos, 5
- 16- Marialvas - Praça 1.º de Maio, 16 (Produzia vinho)
- 17- Joaquim - Merc. Municipal - P.ª 1.º Maio
- 18- Sapateiro - Merc. Municipal - P.ª 1.º Maio
- 19- Varela - Merc. Municipal - P.ª 1.º Maio
- 20- Francisco - Merc. Municipal - P.ª 1.º Maio
- 21- Alexandrino - Rua dos Castelos, 6 (Produzia vinho)
- 22- Patrício - Rua de Mendo Estevens, 50 (Produzia vinho)
- 23- Portugal - Travessa do Diabinho, 6
- 24- Chico Fôfa - Rua de Machede, 40-A

● Transformadas em restaurantes/cafés

- 25- Restaurante Malagueta (Santiago) - Rua de Machede, 20
- 26- Restaurante Alguidar D'Aromas (Naia) - Rua dos Infantes, 74
- 27- Restaurante Muralha (Ribeiro) - Alcárcova de Cima, 6 e 8
- 28- Restaurante Godinho (Praça) - Rua dos Caldeireiros, 25
- 29- Restaurante Pipa Redonda (Ermelindo) - Rua de Alconchel, 28-A
- 30- Cafeteria Grão D'Ouro (Manuel do Cantinho) - L.º Alterações, 8 (Produzia vinho)
- 31- Restaurante A Cascata (Gualdino) - Travessa do Tavolante, 23
- 32- Restaurante O Trivador (Carranca) - Rua da Mostardeira, 4 (Produzia vinho)
- 33- Restaurante O Rato Bicho (Viúva) - Rua de Santa Maria, 57
- 34- Restaurante Porta d'Aviz (Piteira) Largo de Aviz, 149

● Transformada em mercearia

- 35- Empório Brasil Gourmet - Comida e Mercearia (Pinto) - Rua dos Infantes, 56-A

TASCAS POSTERIORES AOS ANOS 70

● Em funcionamento - 2016

- 36- A Tasquinha D'Oliveira - Rua Cândido dos Reis, 45
- 37- A Tasquinha do Zé - Travessa das Nunes, 2



Durante a investigação, analisámos as tascas existentes na década de 70 a partir do livro *Exposição Fotográfica – Tabernas de Évora*, do Grupo Pro-Évora. Como complemento a este estudo, foi determinante o testemunho de alguns taberneiros da cidade, que esclareceram as seguintes dúvidas: Quais as tascas que produziam vinho? Quais as que fecharam? Quais as que se mantêm? Quais as que se modificaram?

Pela planta 5 podemos afirmar que existiam trinta e cinco na década de 70, situadas sobretudo na Mouraria, Judiaria e Farrobo¹³. Destas, apenas sete prevalecem actualmente com a mesma função, já que dezassete encerraram, dez se tornaram em restaurantes/café e uma passou a mercearia. Registe-se ainda que entretanto estão em funcionamento duas novas tascas em Évora.

Pelo depoimento dos taberneiros Manel dos Potes e Pita sabe-se que, muitas destas casas usavam as técnicas ancestrais para a produção e posterior venda de vinho a retalho. A produção vinícola dentro dos estabelecimentos era uma técnica herdada do período romano, que se manifestava através de uma enorme simplicidade: «pisavam-se as uvas num pequeno tanque que, através de um carreiro, iam dar à talha. Nela, o mosto fermentava e cozia, num período de dois meses, até o vinho ficar à superfície», explica o taberneiro Pita, que possui uma taberna na Rua do Inverno, em Évora (planta 5, nº 2).

Pelo livro do Grupo Pro-Évora sabe-se que na década de setenta, «a entrada da taberna era reconhecível pelo facto de muitas terem meias portas ou portas de vai-vém em madeira pintada de castanho ou de verde. Ao lado das portas, muitas vezes, apareciam pendurados nas paredes ramos de louro secando ao ar e ao sol ou velhos garrafões empalhados. Às vezes, um antigo pipo colocado na rua, à entrada, servia também de sinal» (Pro-Évora, 1992: 16). Nos dias de hoje isso já não se verifica. As ruas de Évora já não contêm elementos e antigas simbologias que identifiquem estas estruturas comerciais.

Já no que se refere à ocupação do espaço, ainda existem algumas semelhanças com o que era comum há quarenta anos, tal como «(...) o balcão de alvenaria ou de madeira com tampos de chapa zincada, mármore ou marmorite, ou simplesmente de madeira forrada de substância facilmente lavável. (...) mesas quadradas de madeira, mesas redondas de ferro com pés retorcidos e tampo de chapa ou de mármore; bancos corridos ou individuais de madeira [que] constituíam o mobiliário exterior ao balcão» (Pro-Évora, 1992: 17).

A localização das tascas variava muito consoante o bairro ou zona onde se encontravam. Grande parte destes estabelecimentos situava-se nas ruas de maior destaque, isto é, com ligação às portas da cidade, bem como perto de largos e praças na zona intramuros. Actualmente encontram-se junto às portas medievais, ruas principais e ruas estreitas.

¹³ O bairro da Mouraria situa-se na zona norte, a Judiaria na zona Oeste, e o Farrobo na zona Este da cidade de Évora.

PLANTA 6. ÉVORA, 2016 - ESTABELECIMENTOS DE RESTAURAÇÃO E BEBIDAS JUNTO ÀS PORTAS MEDIEVAIS

- Estabelecimentos de restauração e bebidas
- 1- Restaurante Porta d'Aviz - Largo de Aviz, 149
- 2- Ruína da tascas Má - Modo - Rua do Muro, 2
- 3- Cafeteria Grão D'Ouro - Largo das Alterações, 8
- 4- Tasquinha Malagueta - Largo das Alterações, 17
- 5- Tasquinha a Mata - Rua do Raimundo, 113
- 6- Taberna Miguel Fernandes - Largo de Machede, 28



Depois de analisarmos as marcas que resistem nos hábitos, arquitectura urbanística e costumes relacionados com as tascas da cidade de Évora, concluímos que seis estabelecimentos de restauração e bebida permanecem junto às portas da muralha Fernandina, mas não na sua origem. Podemos visualizar pela planta 6 que, um tornou-se restaurante (nº1), um encontra-se em ruína (nº 2), um converteu-se em café (nº 3) e três permaneceram tascas (nº 4, 5 e 6).

Estes lugares de fronteira demonstram uma permanência no mesmo local durante décadas. São estruturas situadas nas entradas da cidade amuralhada que não se resumem a um só edifício: estão adjacentes à muralha, fazem parte dela, tanto estão dentro como fora da cerca e são desenhadas como porta.

Podemos encontrar de seguida a análise da envolvente urbanística das Portas de Avis, Portas da Lagoa, Porta de Alconchel, Porta do Raimundo e Porta de Mendo Estevens, através de desenhos e fotografias que demonstram a evolução de Évora desde o último século até aos dias de hoje. Todas estas portas contêm um conjunto de elementos arquitectónicos comum entre elas como: tascas, praças/largos, capelas/igrejas e chafarizes/fontes.

PLANTA 7. ÉVORA, 2016 - PORTAS DE AVIS



2.1 PORTAS DE AVIS

PLANTA 8. PORTAS DE AVIS, ANOS 60

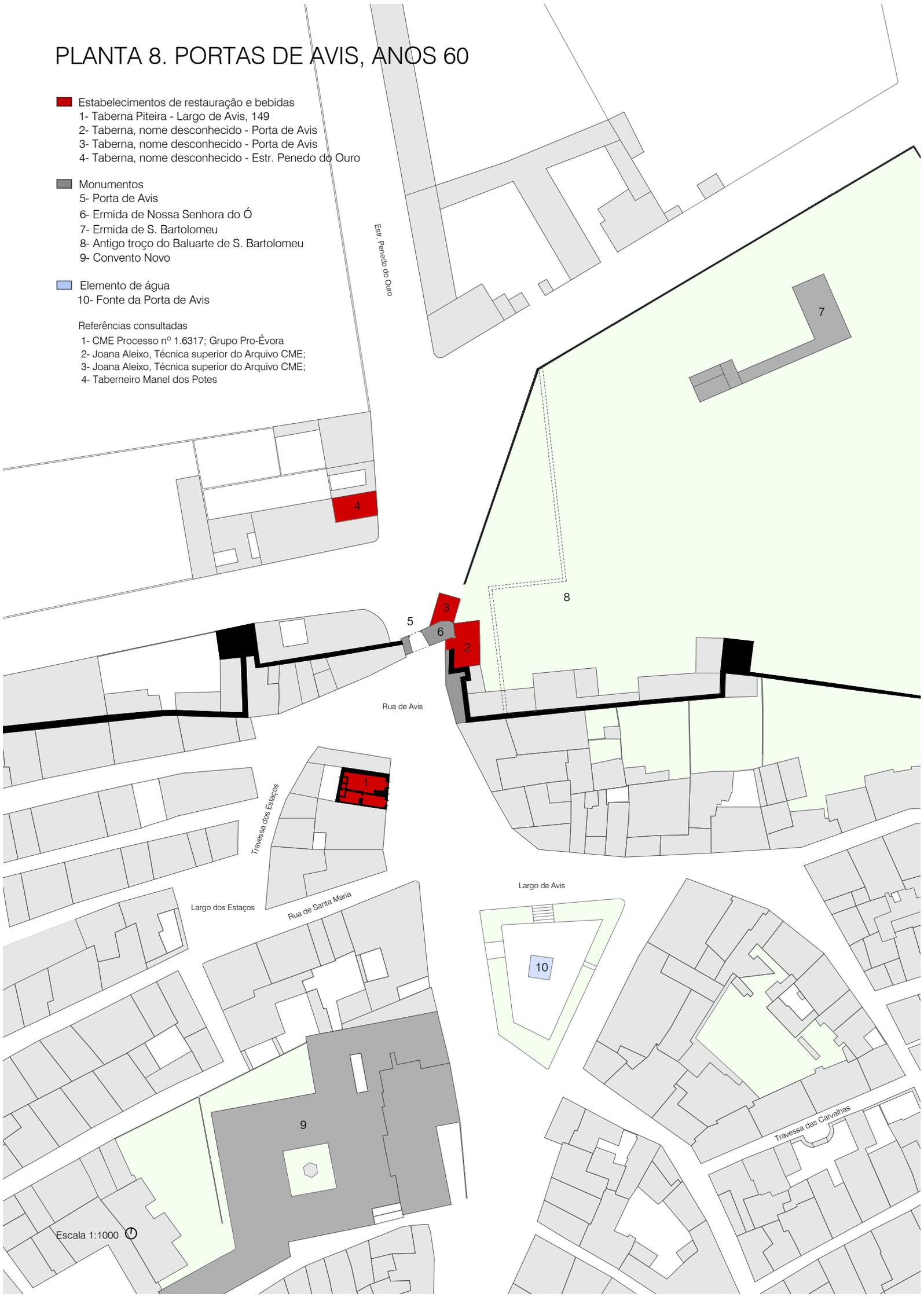
- Estabelecimentos de restauração e bebidas
- 1- Taberna Piteira - Largo de Avis, 149
- 2- Taberna, nome desconhecido - Porta de Avis
- 3- Taberna, nome desconhecido - Porta de Avis
- 4- Taberna, nome desconhecido - Estr. Penedo do Ouro

- Monumentos
- 5- Porta de Avis
- 6- Ermida de Nossa Senhora do Ó
- 7- Ermida de S. Bartolomeu
- 8- Antigo troço do Baluarte de S. Bartolomeu
- 9- Convento Novo

- Elemento de água
- 10- Fonte da Porta de Avis

Referências consultadas

- 1- CME Processo nº 1.6317; Grupo Pro-Évora
- 2- Joana Aleixo, Técnica superior do Arquivo CME;
- 3- Joana Aleixo, Técnica superior do Arquivo CME;
- 4- Taberneiro Manel dos Potes



Pelo registo do ano de 1353, sabe-se que, a rua de Avis¹⁴ continha uma das portas mais antigas da Muralha Fernandina. Carmen Balesteros e Élia Mira mencionam, em *Muralhas de Évora*, que a porta mais antiga foi tapada e substituída por outra em 1663 (Balesteros e Mira, 1994: 21).

Por sua vez, Miguel Lima afirma que foi aberta uma nova porta em 1804 (planta 8, nº 5; figura 16), e a antiga entaipada posteriormente a 1806, «pois em Planta das Muralhas de Évora de 1806, as duas portas aparecem representadas como estando ambas abertas e a funcionar, a velha para o acesso quase directo ao terraplano do baluarte de São Bartolomeu, e nova para acesso mais fácil ao exterior do recinto fortificado (...)» (Lima, 2004: 56).

Mais tarde, na segunda metade do século XIX, com a modernização da cidade foram feitas alterações lesivas do património arquitectónico. Começaram a desenvolver-se espaços públicos arborizados, bem como melhorias ao nível de acessibilidades, mas demoliram-se as antigas portas da muralha medieval, subsistindo apenas a Porta de Avis e a Porta da Lagoa (Évora, 2001: 19).

Relativamente à envolvente das Portas de Avis, sabe-se que, o actual largo existente, no interior, foi originado pela confluência de ruas. As extremas das propriedades confinantes com o largo (hortas e vinhas) definiram-no com uma forma irregular, durante um longo período de tempo (Carvalho, 2004 *apud* Abel, 2008: 138). Já no seu exterior, não se chegou a formar nenhum rossio.

No desenvolvimento da cidade nos anos 30 melhorou-se o aspecto dos largos e ruas principais, sofrendo assim alterações a nível de saneamento e calcetamento. Podemos verificar através de *Os limites da Cidade* de António Borges Abel que «só em 1943 é executado um projecto para o "embelezamento do largo de Aviz", adquirindo este espaço, a partir dessa data, o *fácies* que ainda mantém hoje: o "jardim biscoito" pontuado por um chafariz [Fonte da Porta Nova] (Abel, 2008: 138)» (planta 8, nº10).

A Fonte da Porta Nova foi erguida no século XVI e sofreu algumas alterações de localização até ser deslocada para o Largo de Avis, em 1920. Com formato de pirâmide, assenta numa base quadrangular de três degraus e continha quatro canos de chumbo por onde saíria a água (Guerreiro, 1999: 23-24).

Embora perdurem até hoje as funções comerciais que o originaram, o Largo de Avis apresenta funcionalidades distintas de há cinquenta anos. Nos meados do século passado, compreendia actividades e funções características de terreiros interiores, junto às portas das muralhas (Abel, 2008: 126). O comércio e artesanato, bem como tascas e albergarias circundavam a Porta de Avis, com intuito de receber os que entravam na cidade (planta 8, nº1, 2, 3 e 4)¹⁵.

¹⁴ «Avis (Rua de) - 1381 - Termina na porta onde começa a estrada que vai para Avis, vila do distrito de Portalegre» (Almeida, 1934: 18).

¹⁵ Informação transmitida verbalmente pela Técnica Superior de Arquivo da CME, Joana Aleixo e pelo taberneiro Manel dos Potes.

PLANTA 9. PORTAS DE AVIS, 2016

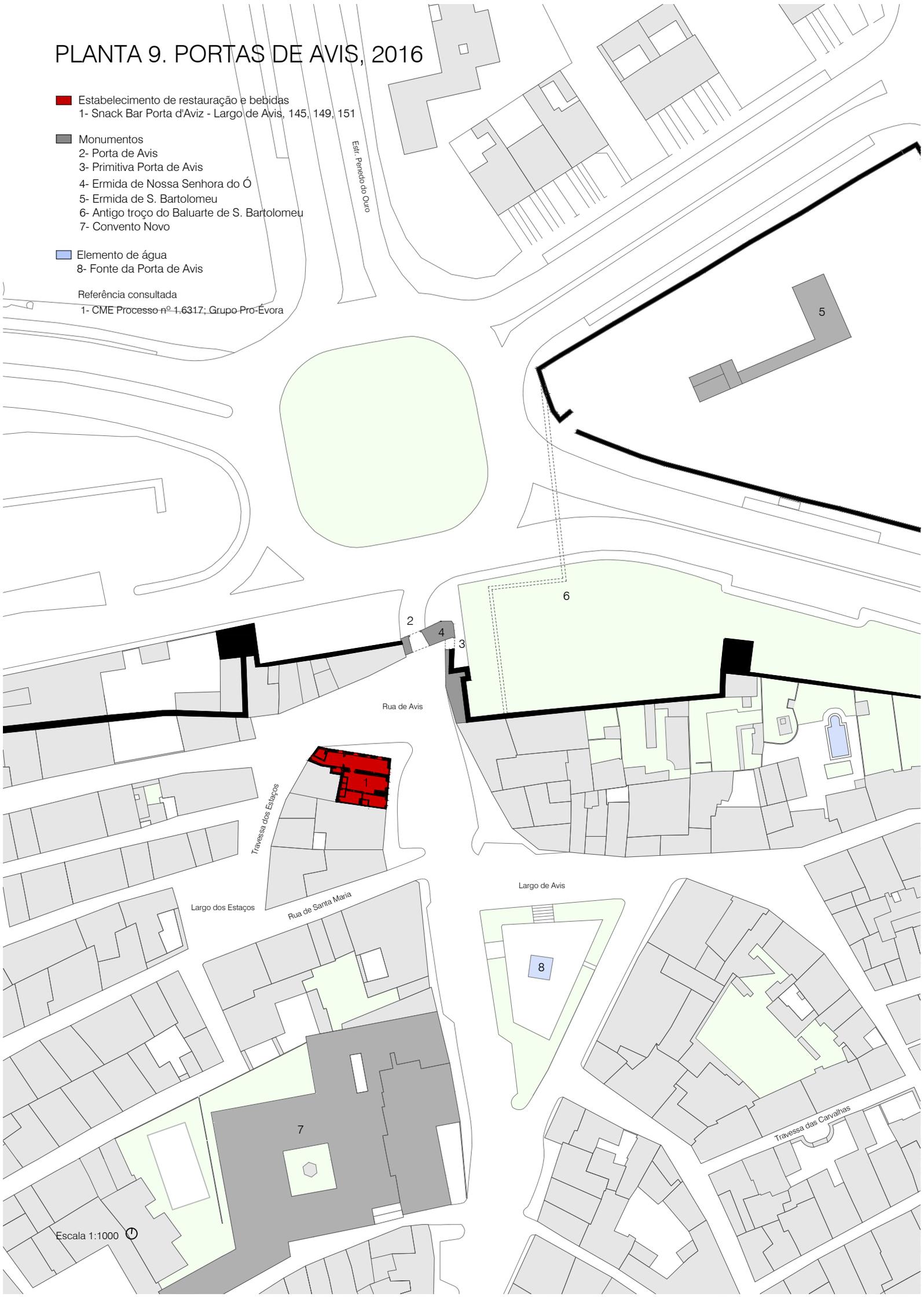
■ Estabelecimento de restauração e bebidas
1- Snack Bar Porta d'Avis - Largo de Avis, 145, 149, 151

■ Monumentos
2- Porta de Avis
3- Primitiva Porta de Avis
4- Ermida de Nossa Senhora do Ó
5- Ermida de S. Bartolomeu
6- Antigo troço do Baluarte de S. Bartolomeu
7- Convento Novo

■ Elemento de água
8- Fonte da Porta de Avis

Referência consultada

1- CME Processo nº 1.6317; Grupo Pro-Evora



Escala 1:1000

O parque de estacionamento exterior à muralha continha edifícios que, segundo depoimentos orais e registos fotográficos, integravam uma tasca no piso inferior. Podemos visualizar pelas figuras 19 e 21 que essas edificações ainda permaneceram até à década de 80. Porém, em 1991, foram destruídas para o desenvolvimento e melhoramento da rede viária junto à muralha Fernandina, criando novas acessibilidades através da variante EN 114¹⁶.

O mesmo sucedeu junto à capela da Nossa Senhora do Ó: duas pequenas tascas abraçavam a muralha e faziam parte dela (planta 8, nº2 e 3; figuras 15 e 17). Estes estabelecimentos tiveram grande impacto até à década de 60, pois esta entrada da cidade era muito agitada e, por isso, apoiava-se tanto de espaços de lazer como de descanso. A uma destas tascas acedia-se pela antiga Porta de Avis, como se pode ver pela figura 15¹⁷.

Por conseguinte, todas as edificações adjacentes à parte exterior da muralha vieram a ser derrubadas. Segundo Miguel Lima sabe-se que «em 1967, na sequência da implementação do plano de desafrontamento da muralha medieval e da abertura de novos lanços da muralha medieval e da abertura de novos lanços de via pública, os Monumentos Nacionais, Direcção de Estradas do Distrito e Câmara Municipal empreenderam a criação de um troço de estrada com início na Porta de Avis, que indo terminar junto ao Baluarte de Nossa Senhora de Machede, atravessa a antiga horta de São Bartolomeu, sacrificando os flancos do baluarte, que deste modo ficou separado da cerca medieval onde se adossava» (Lima, 2004: 77).

O mesmo não se pode dizer de um espaço que ainda hoje perdura, apesar de ter mudado de fisionomia. Trata-se da tasca *O Piteira* (planta 8, nº1), junto ao Largo de Avis, que ainda produzia vinho no próprio estabelecimento nos anos 60¹⁸. Continha no seu interior o comum destes espaços como: cozinha, sala de refeições, arrecadação, e instalações sanitárias.

Mais tarde, em 1999, a tasca foi substituída pelo estabelecimento de restauração e bebidas, *Porta d'Aviz* (figura 24). A sua área foi ampliada, apropriando-se do edifício contíguo a ele (planta 9, nº1). Esta intervenção foi encarada com a preocupação de melhorar substancialmente o estabelecimento comercial, consolidando e valorizando o conjunto imóvel. Com uma área útil total da zona de restauração de 62, 90 m², possui uma capacidade de utilização de setenta lugares, dos quais quarenta e quatro sentados.

Por se encontrar num dos principais eixos comerciais da cidade, o estabelecimento de restauração e bebidas manteve-se sempre em destaque e no mesmo local até hoje.

¹⁶ Informação cedida pelo Arquivo Municipal da CME, através do processo 14-B/92, Variante A EN 114.

¹⁷ Informação transmitida verbalmente pela Técnica Superior de Arquivo da CME, Joana Aleixo.

¹⁸ Informação obtida pelo taberneiro Manel dos Potes.



Figura 15. Largo de Avis, 1900-1910.



Figura 16. Largo de Avis, 2015.

A Porta de Avis (ao centro), vista do lado intramuros da cidade, mantém-se (figuras 15 e 16). Na figura 15 a primitiva Porta de Avis (situada no canto direito) encontra-se demolida e modificada para dar entrada a uma tasca do início do século XX. A figura 16 mostra essa mesma porta já desafrentada, desde 1967.



Figura 17. Porta de Avis, anos 50.



Figura 18. Porta de Avis, 2015.

Nos anos 50 a envolvente extramuros da Porta de Avis continha construções de carácter industrial e comercial. A figura 17 mostra a tasca que foi demolida pela DGEMN em 1967, no seguimento do Plano de Restauro e embelezamento da muralha Fernandina. Depois da limpeza dessas construções, a entrada da Porta de Avis tem a aparência que é mostrada pela figura 18.



Figura 19. Portas de Avis, anos 80.



Figura 20. Portas de Avis, 2015.

A construção identificada pela figura 19, até aos anos 80, continha uma tasca e outros estabelecimentos comerciais no piso inferior e habitação no piso superior. Em 1991, com a construção da Estrada Nacional 114, foi substituído pela rotunda da Porta de Avis - com geometria elíptica - para melhoramento da circulação viária da cidade.



Figura 21. Estrada de ligação entre as Portas de Avis e as Portas da Lagoa, anos 80.



Figura 22. Actual estrada da antiga ligação entre as Portas de Avis e as Portas da Lagoa, 2015.

Até à década de 80 a antiga estrada de ligação entre as Portas de Avis e as Portas da Lagoa era uma das mais movimentadas. Como podemos ver pela figura 21, existiam no local habitações até ao Aqueduto da Água de Prata. Como ainda não foi realizado o Plano de Requalificação Urbanística das Portas de Avis pelo programa POLIS, o espaço é actualmente ocupado por um parque de estacionamento.



Figura 23. Primitiva Porta de Avis, 2015.



Figura 24. Restaurante Porta d'Aviz, 2015.

A primitiva Porta de Avis está identificada na figura 23 para uma melhor leitura das figuras 15 e 16. Sofreu alterações no início do século passado, com a construção do edifício comercial de venda de bebidas, mas recuperou a sua estrutura original na sequência das obras de restauro da muralha medieval.

O restaurante *Porta d'Aviz* (antiga tasca *O Piteira*) é uma casa de restauração muito frequentada e bem situada junto à entrada da cidade intramuros (figura 24).

PLANTA 10. ÉVORA, 2016 - PORTAS DA LAGOA



2.2 PORTAS DA LAGOA

PLANTA 11. PORTAS DA LAGOA, ANOS 60

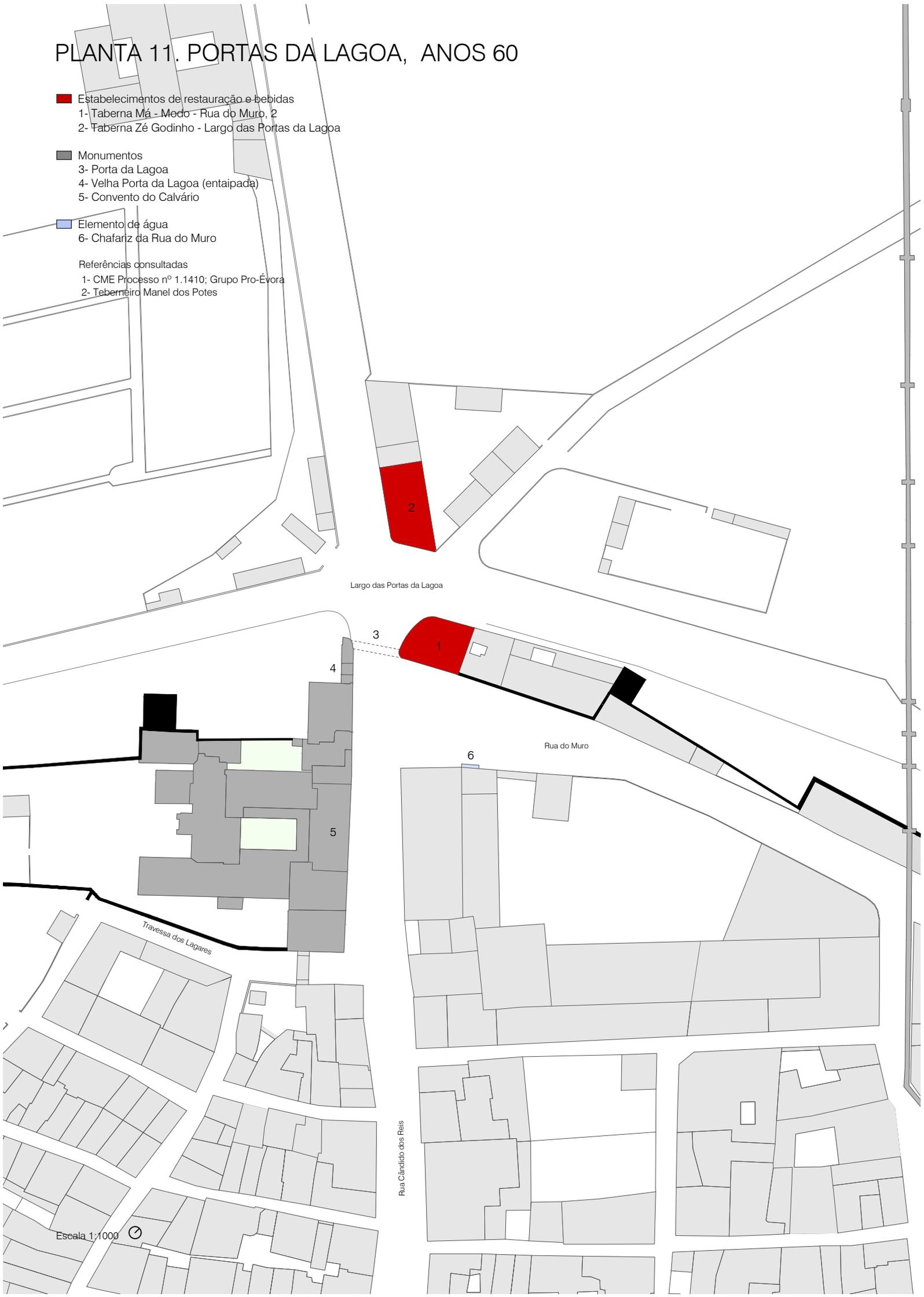
- Estabelecimentos de restauração e bebidas
 - 1- Taberna Má-Medo - Rua do Muro, 2
 - 2- Taberna Zé Godinho - Largo das Portas da Lagoa

- Monumentos
 - 3- Porta da Lagoa
 - 4- Velha Porta da Lagoa (entaipada)
 - 5- Convento do Calvário

- Elemento de água
 - 6- Chafariz da Rua do Muro

Referências consultadas

- 1- CME Processo nº 1.1410; Grupo Pro-Évora
- 2- Teberneiro Manel dos Potes



Largo das Portas da Lagoa

Rua do Muro

Travessa dos Lagares

Rua Cândido dos Reis

Escala 1:1000

A Porta velha da Lagoa (planta 11, nº 4; figura 27), situada junto ao antigo Convento de Santa Helena do Monte Calvário, foi entaipada pouco depois de 1590 para dar lugar à nova, virada a norte, devido às suas dimensões reduzidas (planta 11, nº3). A decoração da nova porta continha «(...) pinturas murais representando os capitães Sertório e Geraldo *Sem Pavor* e os Santos Mártires de Évora», para a recepção de visitas solenes dos reis, no século XV (Lima, 2004: 72).

Mais tarde, em 1845, a nova porta foi demolida devido à importância da melhoria da circulação nas entradas da cidade. Évora encontrava-se fechada, sem espaços públicos arborizados e, com a demolição das portas, a sua exposição ao exterior aumentou (Évora, 2001: 19).

A antiga porta foi somente desobstruída na segunda metade do século XX pela DGEMN (figura 28). Contém «um arco granítico de meio ponto de aduelas bem aparelhados e arredondados» (Balesteros e Mira, 1994: 21).

Perto das portas, há vestígios de um chafariz (planta 11, nº6) «composto por uma parede que lhe serve de fachada, no centro da qual se encontra uma placa de mármore com as iniciais C.M.E. Possui um tanque de mármore e duas bicas também de mármore das quais saem dois canos por onde correria água, actualmente selados» (Guerreiro, 1999: 15). Com sinais de algum desgaste, há pouca informação acerca da sua construção.

Quando atravessamos as Portas da Lagoa, junto à rua do Muro¹⁹, deparamo-nos com uma ruína de um edifício desconhecido, que se pode ver através das figuras 26, 33 e 34. Como a fachada está compreendida na continuidade da muralha, o seu atravessamento é natural, tornando-a, assim, numa outra "porta".

Muitos desconhecem a história do antigo edifício, só os antigos moradores da cidade é que contêm memórias daquele espaço, hoje parcialmente destruído. Há cerca de cinquenta anos, aquela entrada da cidade integrava uma tasca de seu nome *Má-Modo* (planta 11, nº1). A foto cedida pelo Arquivo Fotográfico (figura 25) mostra-nos que a tasca tinha grande impacto visual na entrada das Portas da Lagoa.

Embora não existam plantas e desenhos do edifício sabe-se, através de depoimentos orais de vários habitantes, que o piso inferior continha o estabelecimento comercial de bebidas, e o piso superior habitação²⁰.

Através da planta 11 é possível verificar que onde hoje se situa a rotunda e o parque de estacionamento, junto a estas portas, existira também uma adega pertencente à tasca *Zé Godinho*²¹.

¹⁹ «Muro (Rua do) - 1558 - Ao longo da Porta de Avis até à Porta da Lagoa» (Almeida, 1934: 54).

²⁰ Informação transmitida verbalmente pelo arquitecto José Carlos Cardoso.

²¹ Informação transmitida verbalmente pelo taberneiro Manel dos Potes.

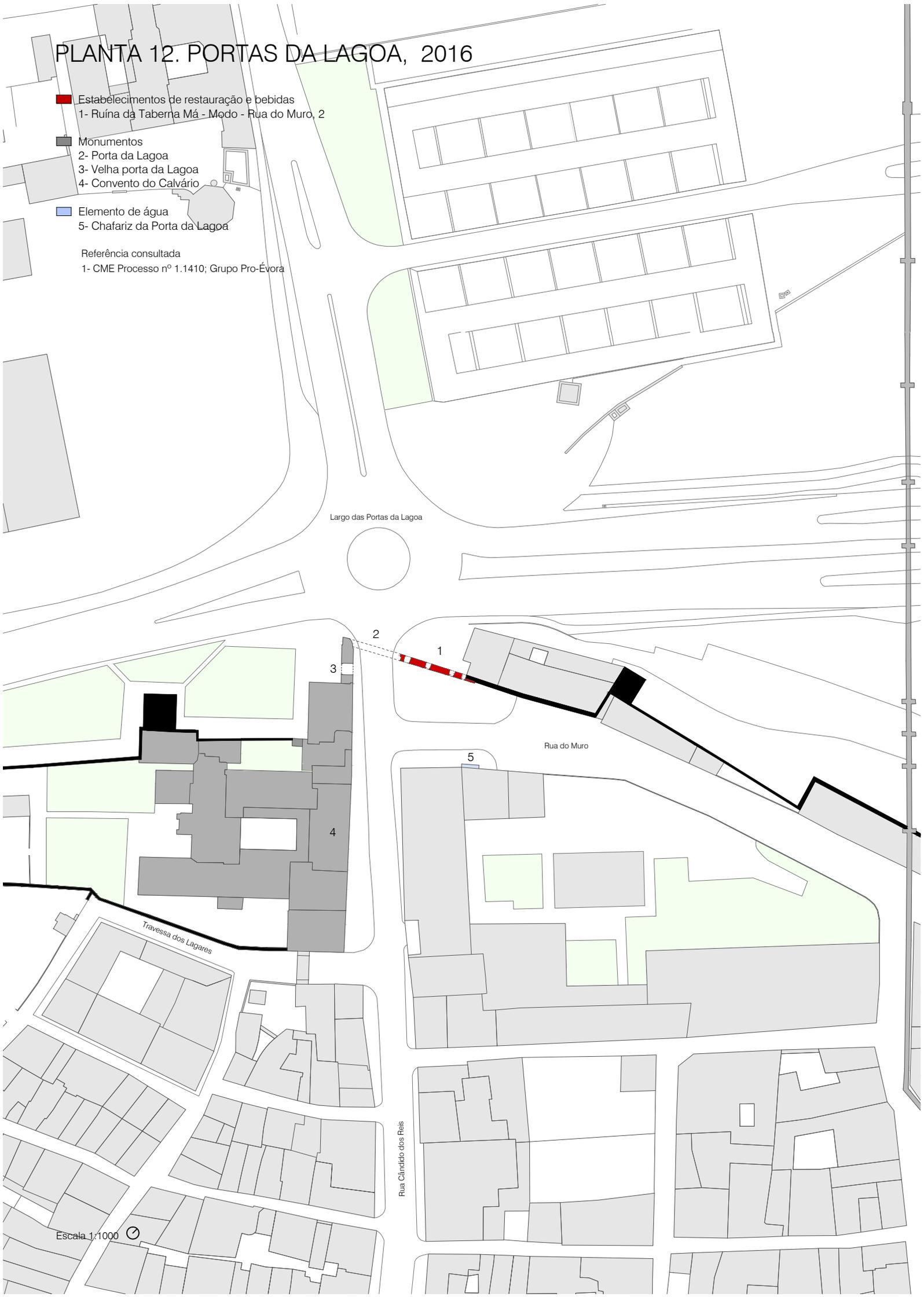
PLANTA 12. PORTAS DA LAGOA, 2016

■ Estabelecimentos de restauração e bebidas
1- Ruína da Taberna Má - Mado - Rua do Muro, 2

■ Monumentos
2- Porta da Lagoa
3- Velha porta da Lagoa
4- Convento do Calvário

■ Elemento de água
5- Chafariz da Porta da Lagoa

Referência consultada
1- CME Processo nº 1.1410; Grupo Pro-Évora



Largo das Portas da Lagoa

Rua do Muro

Travessa dos Lagares

Rua Cândido dos Reis

Escala 1/1000

A zona exterior junto à Porta da Lagoa era predominada pela agricultura, e pelo tipo de edificado comercial de bebidas (figuras 29 e 31). Actualmente, a urbanização da Horta da Porta confere-lhe um carácter público e citadino, sem vestígios de estabelecimentos daquele género (figuras 30 e 32).

Com a proibição da produção de vinho nas tascas (finais dos anos 70), muitas adegas encerraram. Tanto a edificação comercial exterior à Porta da Lagoa como a taberna *Má-Modo* foram mais tarde destruídas (1989-1990) para a construção da nova rede viária da cidade, a variante EN 114²².

Após a obras de conservação da muralha medieval pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1991, restou apenas uma fachada do edifício (planta 12, nº1), onde é possível encontrar vestígios da muralha no seu interior (figura 34). Talvez seja essa a razão pela qual a DGEMN não a tenha demolido na sua totalidade.

Se há cinquenta anos aquele local era acompanhado por casas que ofereciam bebida, petiscos, convívio e estadia, hoje em dia, só resta a ruína de um edificado que, apesar de muitos desconhecerem a sua história, não é indiferente para quem o atravessa.

²² Informação cedida pelo Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora, através do processo 14-B/92, Variante A EN 114. «Troço da variante inteiramente novo, passando sob o aqueduto do Sertório. Restabelecimento da EM 527; Rotunda das Portas da Lagoa, alteração com geometria circular; Rotunda das Portas de Avis, com geometria elíptica; EN 114, reperfilamento e alargamento; EN18, reperfilamento e alargamento; Acesso à quinta de Santo. António, restabelecimento do existente com nova traçada».



Figura 25. Antiga tasca junto às Portas da Lagoa, anos 60.



Figura 26. Ruína da antiga tasca junto às Portas da Lagoa, 2015.

A figura 26 mostra a situação actual deste local, marcado por uma ruína de grande dimensão, que outrora fora a tasca *Má Modo* (figura 25). Aqui temos mais um exemplo de como estes edifícios se envolviam com o conjunto arquitectónico que abrange as portas de uma cidade.



Figura 27. Portas da Lagoa, 1910-1920.



Figura 28. Portas da Lagoa, 2015.

A antiga Porta da Lagoa é retratada pelas figuras 27 e 28. Hoje, com um espaço muito mais cuidado e requalificado, acompanhado por áreas de descanso e lazer, torna a envolvente desta porta e seu atravessamento mais agradável.



Figura 29. Portas da Lagoa, 1941.



Figura 30. Portas da Lagoa, 2015.

Na figura 29, verifica-se que em 1941 a antiga Porta da Lagoa ainda se encontrava entaipada. A zona exterior junto a esta porta era predominada pela agricultura, propriedades privadas e por tascas. Actualmente, a urbanização da Horta da Porta confere-lhe um carácter público e cidadão (figura 30).



Figura 31. Antiga tasca junto às Portas da Lagoa (ao fundo), anos 60.



Figura 32. Aspecto actual da envolvente junto às Portas da Lagoa, 2015.

Pela figura 31, é possível avistarmos parcialmente o conjunto de edifícios em frente à Porta da Lagoa que continha tascas.

Contudo, o melhoramento da estrada de circunvalação, na década de noventa, ofereceu à cidade um novo anel viário que criou novas áreas de expansão, fazendo com que tivessem sido demolidas a estruturas anteriormente referidas.



Figura 33. Portas da Lagoa, 2015.



Figura 34. Portas da Lagoa, 2015.

A ruína da antiga tasca dos anos setenta ainda se encontra presente na rua do Muro. O atravessamento pelas suas portas faz-se de forma intuitiva e natural, como mostra a figura 33. O enquadramento deste vestígio torna-se interessante, pois aparenta dar continuidade à muralha.

PLANTA 13. ÉVORA, 2016 - PORTA DE ALCONCHEL



2.3 PORTA DE ALCONCHEL

PLANTA 14. PORTA DE ALCONCHEL, ANOS 60

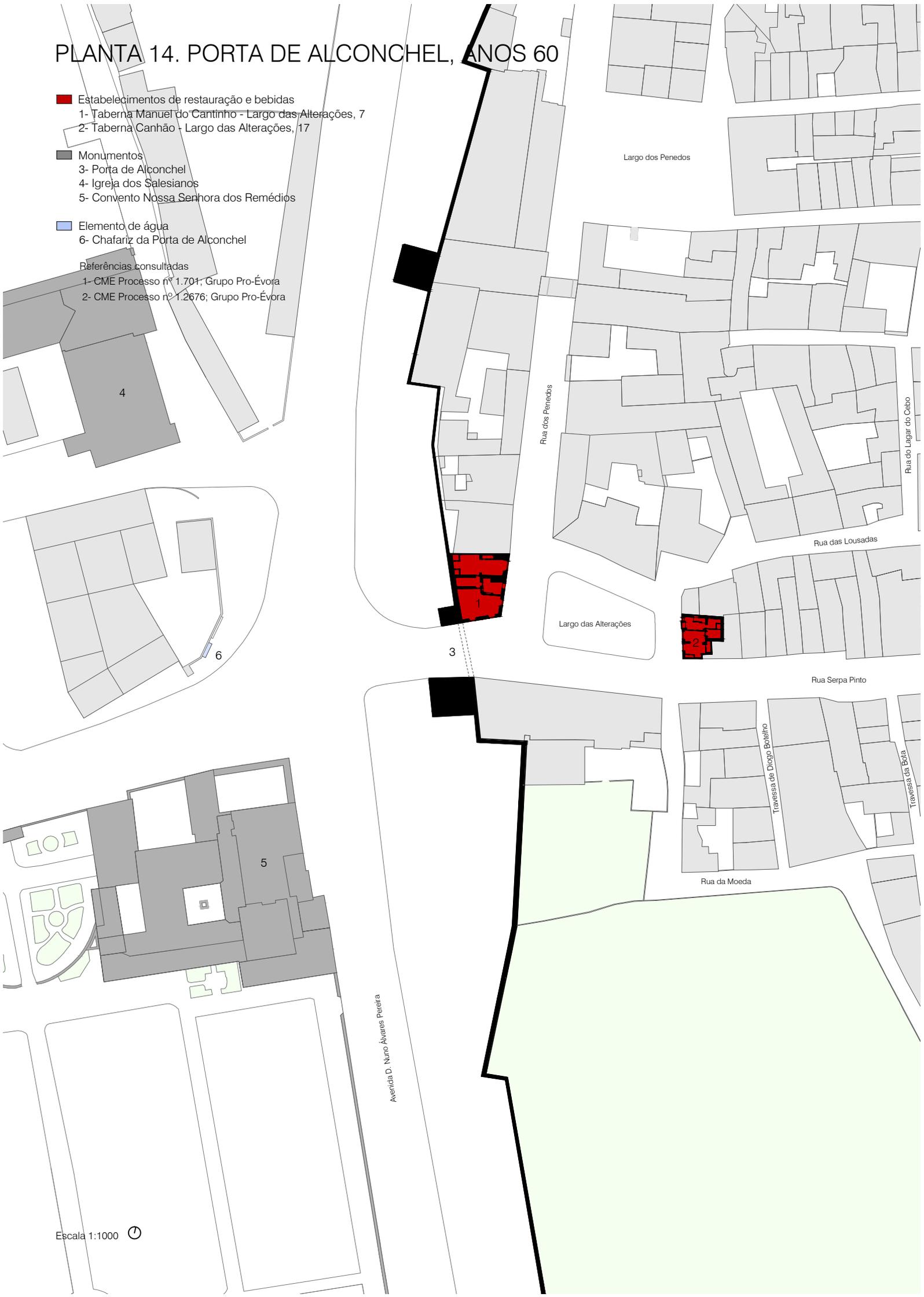
- Estabelecimentos de restauração e bebidas
- 1- Taberna Manuel do Cantinho - Largo das Alterações, 7
- 2- Taberna Canhão - Largo das Alterações, 17

- Monumentos
- 3- Porta de Alconchel
- 4- Igreja dos Salesianos
- 5- Convento Nossa Senhora dos Remédios

- Elemento de água
- 6- Chafariz da Porta de Alconchel

Referências consultadas

- 1- CME Processo nº 1.701; Grupo Pro-Évora
- 2- CME Processo nº 1.2676; Grupo Pro-Évora



A porta de Alconchel foi bastante importante na defesa da cidade de Évora. Era protegida por duas torres: uma maior, da face sul, que serviu de Torre de Menagem e de Prisão (Balesteros e Mira, 1994: 21), e uma menor que remata o troço da muralha a norte.

Miguel Lima refere que «(...) serviu de local para as recepções solenes a reis, príncipes, embaixadores, arcebispos, governadores e outras ilustres figuras. Assim, para além da sua importância militar, o local tinha por si próprio uma dignidade acrescida aos olhos da população» (Lima, 2004: 62).

Esta porta também continha uma ermida sobre ela, fundada no final do século XV, de seu nome Nossa Senhora da Ajuda. No entanto, em 1867, tanto a porta como a respectiva ermida foram demolidas (Lima, 2004: 62).

Com a última invasão francesa, em 1808, o recinto fortificado de Évora deixou de ter um papel defensivo, entrando mais tarde em decadência. Perdeu a sua função original, e foi deixado ao abandono (Fernandes, 2007: 151). Com isto, muitos habitantes aproveitaram-se dos materiais para construir as suas próprias habitações, modificando o aspecto da antiga cerca defensiva da cidade²³. Por conseguinte, parte da muralha e torre menor da Porta de Alconchel desapareceram. O troço amuralhado foi então refeito e coroado de ameia pelos Monumentos Nacionais na década de 1940 (Balesteros e Mira, 1994: 21).

Por esta porta se situar direccionada a Lisboa a sua passagem era mais frequente, tornando maior a necessidade de acessos e serviços na rua Serpa Pinto²⁴, como se pode ver pela citação de António Borges Abel «(...) o largo das Alterações, situado junto à porta de Alconchel (a nova), no final da rua de Serpa Pinto, (...) morfologicamente aproxima-se mais de uma praça do que um largo, eventualmente devido à condição social dos moradores da envolvente e da própria rua Serpa Pinto, embora persistam ainda na zona alguns dos edifícios que outrora albergaram serviços destinados aos forasteiros e viajantes: a albergaria, a estrebaria, o chafariz e tanque conexo para os animais [planta 14, nº 6], a taberna. (...) As dimensões do largo das Alterações estão directamente relacionadas com a importância da respectiva porta para a economia e para o lugar que esta ocupa na hierarquia dos lugares centrais da região» (Abel, 2008: 136).

Na década de 60 o terreiro exterior apresentava uma fisionomia diferente dos dias de hoje. Era constituído por um conjunto de edificado, parte do aqueduto, e um chafariz (planta 14, nº 6; figura 37).

A porta de Alconchel, certamente das mais importantes da cidade, continha junto ao largo das Alterações duas tascas de grandes dimensões: a tasca *Manuel do Cantinho* e a tasca *O Canhão* (planta 14, nº1 e 2).

²³ Informação obtida pela Arquitecta Domingas Simplício.

²⁴ «Serpa Pinto (Rua) - Outro nome - Rua de Alconchel, 1402» (Almeida, 1934: 69).

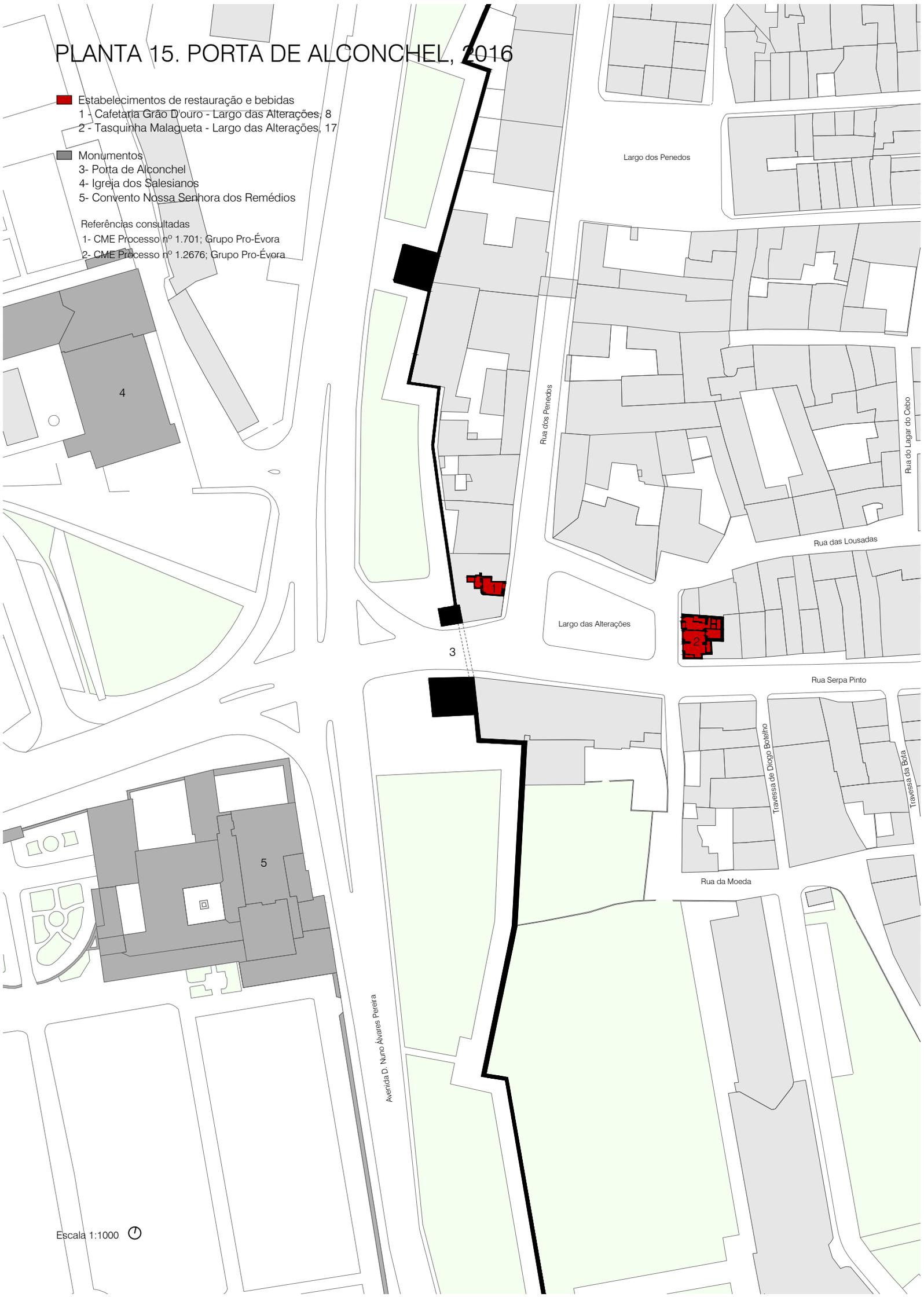
PLANTA 15. PORTA DE ALÇONCHEL, 2016

- Estabelecimentos de restauração e bebidas
- 1 - Cafetaria Grão D'ouro - Largo das Alterações, 8
- 2 - Tasquinha Malagueta - Largo das Alterações, 17

- Monumentos
- 3- Porta de Alçonchel
- 4- Igreja dos Salesianos
- 5- Convento Nossa Senhora dos Remédios

Referências consultadas

- 1- CME Processo nº 1.701; Grupo Pro-Évora
- 2- CME Processo nº 1.2676; Grupo Pro-Évora



Em meados do século XX, era recorrente em Évora o transporte de vinho, vindo de Reguengos, Estremoz, Arraiolos e Almeirim para abastecimento local. Sabe-se através do depoimento do taberneiro Manel dos Potes, que no antigo terreiro junto à Porta de Alconchel paravam carroças, de manhã, para abastecer as duas afamadas tascas.

A tasca adossada à muralha, *Manuel do Cantinho*, continha uma vasta área de casa de apoio, arrumos, cozinha, instalação sanitária e sala de petiscos, com entrada principal virada para a rua Serpa Pinto. Entretanto, em 1990, o estabelecimento encerrou, e foi dividido em três estabelecimentos comerciais. A sua cozinha foi alterada, tornando-se actualmente num pequeno café de seu nome *Cafetaria Grão D'ouro*, composta por sala de vendas, vestíbulo e instalação sanitária, com uma área total de 21.50 m² (planta 15, nº 1; figura 39).

O *Canhão*, também conhecido pela população mais idosa, era por sua vez, uma tasca que se situava em frente ao *Manuel do Cantinho*, desde 1957²⁵.

No ano 2000, foi realizado um projecto de remodelação do espaço, onde se projectaram novas instalações sanitárias destinadas aos utentes, para um novo estabelecimento de restauração e bebidas.

Actualmente converteu-se na *Tasquinha Malagueta*, sem sofrer alterações. O estabelecimento é constituído por sala principal com balcão, sala de refeições, cozinha, três despensas e instalações sanitárias. Situa-se no primeiro andar do mesmo edifício uma habitação (planta 15, nº 2; figura 40).

O espaço interior junto à Porta de Alconchel mantém-se já há vários anos com boa actividade comercial, contendo na sua maioria cafés e restaurantes. Já no largo extramuros encontram-se edifícios de carácter religioso, como o Convento dos Remédios e a Igreja dos Salesianos.

²⁵ Informação obtida pela Memória Descritiva e Justificativa do estabelecimento, fornecida pela Câmara Municipal de Évora.



Figura 35. Rua de Serpa Pinto, 1890-1920.



Figura 36. Rua de Serpa Pinto, 2015.

A rua Serpa Pinto foi sempre uma das mais importantes da cidade intramuros. No início do século XX esta artéria já tinha sofrido obras de calcetamento e de esgotos (figura 35).

Na figura 36 podemos ver a torre maior da Porta de Alconchel, já restaurada e consolidada.



Figura 37. Aspecto geral do largo exterior da Porta de Alconchel, anos 60.



Figura 38. Aspecto geral do largo exterior da Porta de Alconchel, 2015.

Um chafariz, um vestígio de aqueduto e habitações, apropriavam-se dos arrabaldes da Porta de Alconchel até à década de 60. A água sempre foi um elemento muito presente tanto nos arredores como no interior da Muralha Fernandina (figura 37). Daí ainda existirem alguns tanques e chafarizes nos largos da cidade.

Nos dias de hoje, o espaço representado na figura 38 oferece um novo enquadramento com sua envolvente.



Figura 39. Vista geral do Largo das Alterações e café Grão D' Ouro, 2015.



Figura 40. Tasquinha Malagueta, 2015.

O café *Grão D'Ouro* (antiga tasca *Manuel do Cantinho*) encontra-se no edifício à direita da torre maior da Porta de Alconchel (figura 39). O estabelecimento comercial desenvolveu-se somente a partir de uma porção da tasca, daí apresentar dimensões reduzidas.

A *Tasquinha Malagueta* (figura 40) encontra-se muito bem localizada e, por vezes, apropria-se do espaço do Largo das Alterações para servir petiscos e bebida.

PLANTA 16. ÉVORA, 2016 - PORTA DO RAIMUNDO



2.4 PORTA DO RAIMUNDO

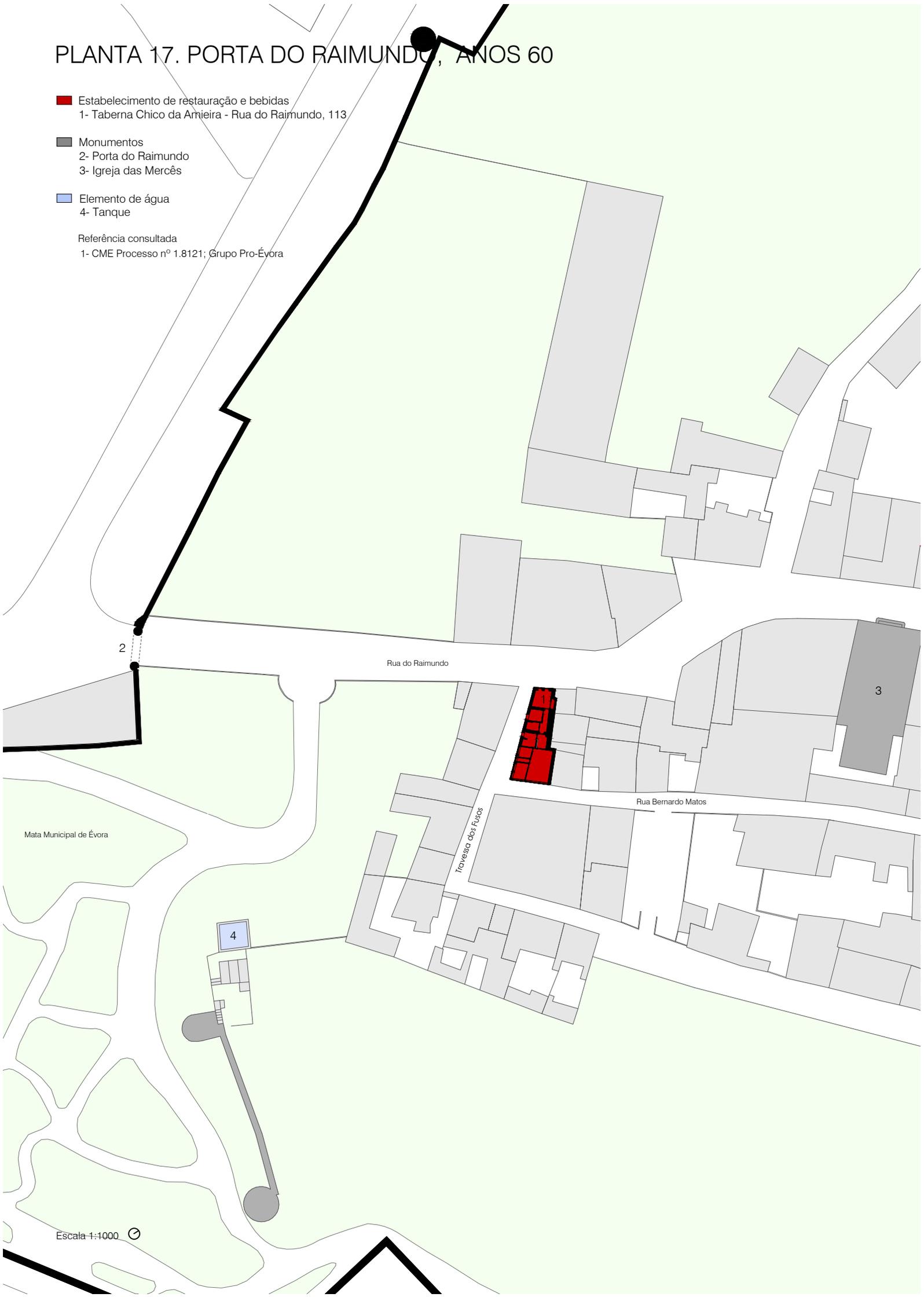
PLANTA 17. PORTA DO RAIMUNDO, ANOS 60

■ Estabelecimento de restauração e bebidas
1- Taberna Chico da Amieira - Rua do Raimundo, 113

■ Monumentos
2- Porta do Raimundo
3- Igreja das Mercês

■ Elemento de água
4- Tanque

Referência consultada
1- CME Processo nº 1.8121; Grupo Pro-Évora



Através da leitura em chapa metálica colocada na Porta do Raimundo (figura 45), é possível constatar que foram feitas duas pequenas torres falsas, executadas pela Junta Distrital de Évora na década de 1880-90, para substituir a antiga porta, considerada inestética para a cidade (Lima, 2004: 64).

Nessa época oitocentista foi construída a estrada de circunvalação, que se veio a tornar numa importante obra, tornando o acesso mais acessível tanto nas portas, bem como às estradas regionais (Évora, 2001: 52). Desenhou-se uma nova estrutura urbana que serviu de suporte de crescimento da cidade.

A rua do Raimundo²⁶ é uma artéria que «(...) ostenta belas casas dos sécs. XVII-XVIII, de interessantes janelas de ferros forjados» (Espanca, 1949: 95), e ainda preserva elementos estruturais e decorativos relevantes, nas fachadas, nos seus arcos, assim como nos espaços interiores privados.

Um pouco mais afastada da muralha e com diferente localização das tascas mencionadas nos últimos três subcapítulos, a tasca *Chico da Amieira* (planta 17, nº1) era afamada nos anos 70²⁷. O edifício existente no rés-do-chão era constituído: pela zona comercial, instalações sanitárias, cozinha de serventia e logradouro com três arrecadações.

O edifício não se localiza imediatamente junto a um largo ou praça. Situa-se, por sua vez, junto a uma zona de entrada para a cidade com bastante movimento, que outrora tinha uma aparência diferente, pois era constituída por elementos industriais e rurais (planta 17). Esta área era predominada por um depósito de madeiras, junto à porta, e zonas de cultivo tanto na zona interior como exterior, contendo noras e regadios (figuras 41 e 43).

Com a implementação do Plano de Restauro monumental, executado pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o aspecto da envolvente da Porta do Raimundo sofreu alterações estéticas pois, «o plano de 1963 previa a demolição de várias construções anexas aos panos exteriores da cerca nova, principalmente junto às portas; como é o caso (...) de um depósito de madeira junto às Portas do Raimundo. Estes edifícios que se encontravam encostados às muralhas, tinham sobretudo um carácter industrial, talvez por se querer manter exterior às muralhas toda a zona industrial, preservando o interior da cerca nova» (Pereira, 2009: 81).

Parte da área fora da Muralha Fernandina foi requalificada há poucos anos, através do programa POLIS (2001), como forma de revitalizar os espaços que marcam a fronteira entre a cidade intramuros e o exterior, promovendo uma continuidade mais evidente entre as duas realidades. A intervenção desenvolveu-se entre a Porta da Lagoa e a Porta do Raimundo.

²⁶ «Raimundo (Rua do) - 1408 - Nome dum fidalgo eborense que vivia nesta rua. A porta no extremo dela chama-se o Buraco do Raimundo, 1776» (Almeida, 1934: 62).

²⁷ Informação retirada do mapa de localização de tascas nos anos 70 no livro *Tabernas de Évora*, do Grupo Pro-Évora, p. 12.

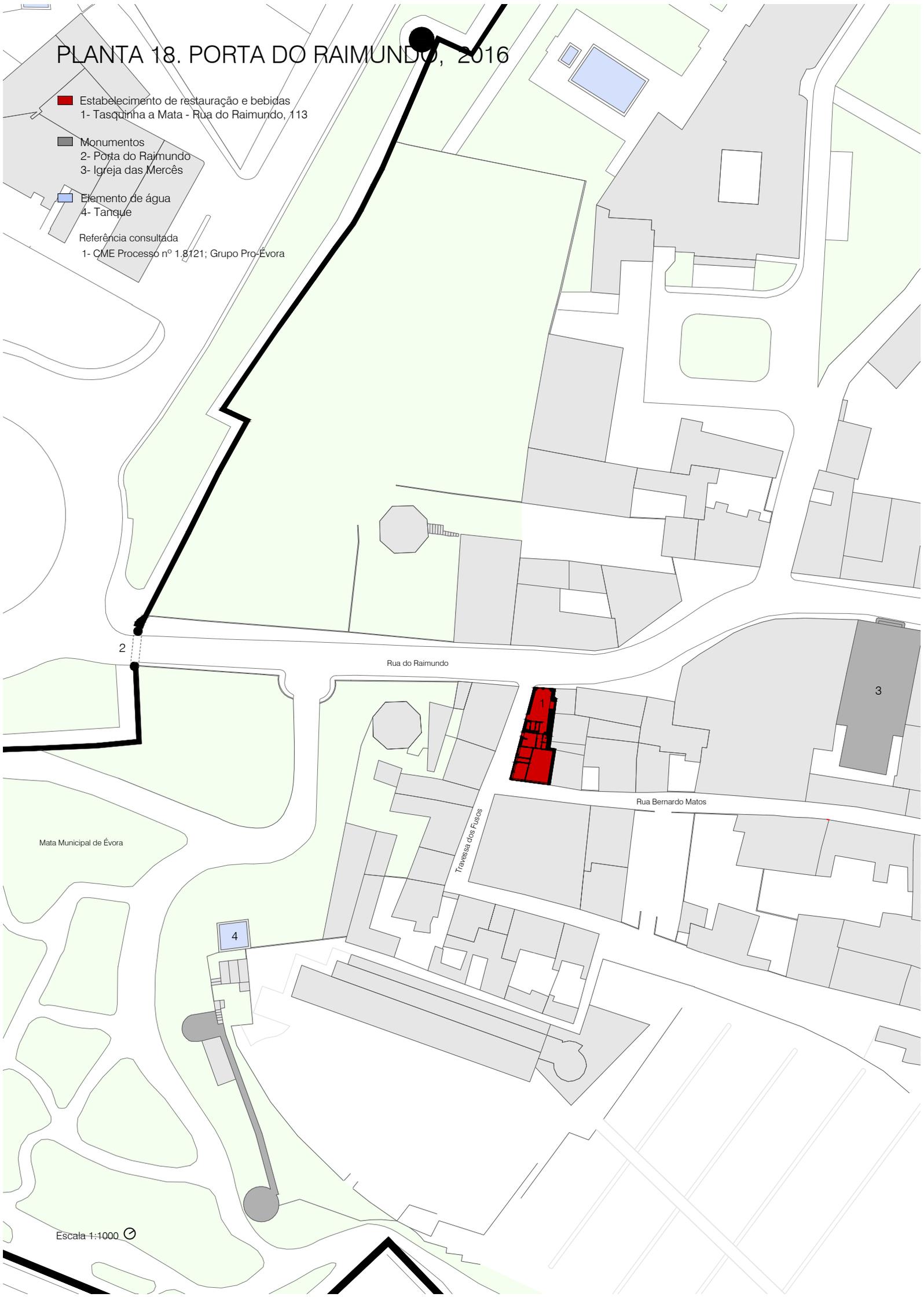
PLANTA 18. PORTA DO RAIMUNDO, 2016

■ Estabelecimento de restauração e bebidas
1- Tasquinha a Mata - Rua do Raimundo, 113

■ Monumentos
2- Porta do Raimundo
3- Igreja das Mercês

■ Elemento de água
4- Tanque

Referência consultada
1- CME Processo nº 1.8121; Grupo Pro-Évora



Actualmente, junto à porta do Raimundo, podemos encontrar a entrada para a mata do Jardim Público, um restaurante, o *atelier João Paulo Ferreira Arquitectura e Urbanismo*, a Igreja das Mercês (construída em 1670 e que possui no seu interior o museu Núcleo da Arte Sacra), o novo Hotel *Moov* (situado numa estrutura que já recebeu diferentes estabelecimentos comerciais) e a *Tasquinha A Mata* (figura 46).

A *Tasquinha A Mata* continua a servir petiscos e refeições. Em 1992, com o projecto de remodelação, foram aumentadas no estabelecimento a área das instalações sanitárias e a área de refeições (planta 18, nº1). Em termos de aspectos construtivos, todos os pavimentos foram executados em mosaico hidráulico; todas as paredes interiores, exteriores e tectos foram acabadas com reboco areado fino e as janelas e portas exteriores foram construídas em perfis de ferro e pintadas a esmalte verde seco²⁸.

²⁸ Informação obtida pela memória descritiva do estabelecimento nº 113, através do processo de obras nº 1.8121, da Câmara Municipal de Évora.



Figura 41. Edifício anexo à muralha junto à Porta do Raimundo, anos 60.



Figura 42. Porta do Raimundo, 2015.

A entrada da Porta do Raimundo, até à década de 60, continha um edifício de depósito de madeiras (figura 41). Muitas construções cresceram em redor da cerca nova pois, a partir dos anos 30, a cidade começou a expandir-se para o exterior devido ao elevado número habitacional no centro histórico. A demolição do edifício evidencia muito mais a muralha, dando-lhe destaque.



Figura 43. Vista parcial da Muralha de Évora entre a Porta do Raimundo e a Porta de Alconchel, 1950 - 1956.



Figura 44. Vista parcial da Muralha de Évora entre a Porta do Raimundo e a Porta de Alconchel, 2015.

A antiga horta do concelho (lado esquerdo da figura 43) era um espaço extramuros que servia de cultivo de regadios para os habitantes da cidade, ainda nos anos 50. Mais tarde, o novo plano de circunvalação alterou o local de cultivo e o programa POLIS reforçou a ligação da cidade intramuros e o exterior, através da construção de um espaço de lazer junto às muralhas (figura 44).



Figura 45. Porta do Raimundo, 2015.



Figura 46. Tasquinha A Mata, 2015.

A figura 45 apresenta a entrada da Porta do Raimundo, resultante do arranjo em cantaria.

A figura 46 mostra a o espaço comercial de restauração e bebidas, *Tasquinha a Mata*, integrado na artéria com ligação à praça do Giraldo. A fisionomia do espaço envolvente em que se insere o edifício não se relaciona com as tascas anteriormente mencionadas, na medida em que não comunica directamente com praças ou largos.

PLANTA 19. ÉVORA, 2016 - PORTA DE MENDO ESTEVEENS



2.5 PORTA DE MENDO ESTEVENS

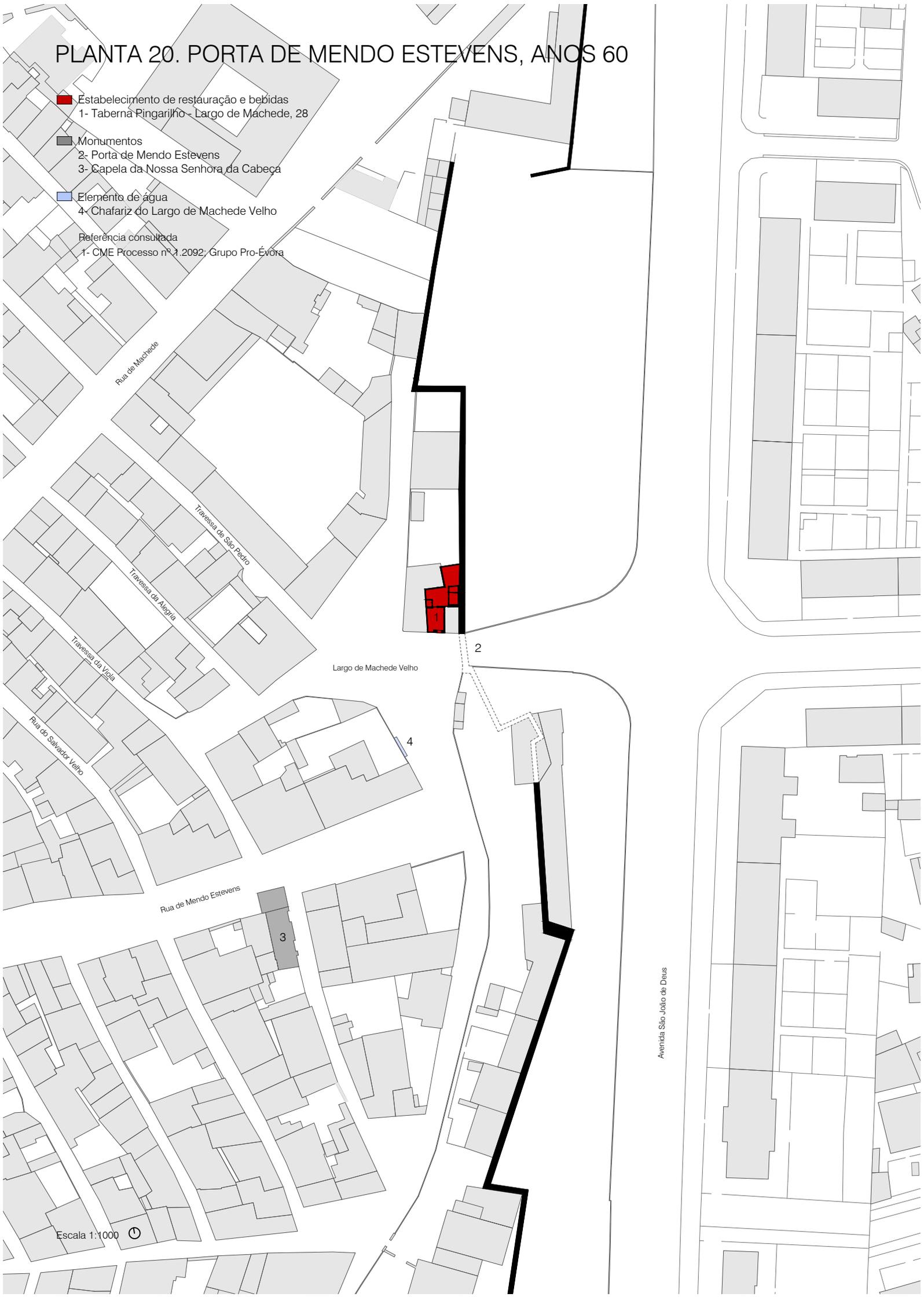
PLANTA 20. PORTA DE MENDO ESTEVENS, ANOS 60

■ Estabelecimento de restauração e bebidas
1- Taberna Pingarilho - Largo de Machede, 28

■ Monumentos
2- Porta de Mendo Estevens
3- Capela da Nossa Senhora da Cabeça

■ Elemento de água
4- Chafariz do Largo de Machede Velho

Referência consultada
1- CME Processo nº 1.2092: Grupo Pro-Évora



Escala 1:1000



Avenida São João de Deus

Não foi possível encontrar muita informação que descreva a Porta de Mendo Estevens. Ainda assim, através de livros como, *Muralhas e Fortificações de Évora* e *As muralhas de Évora*, de Miguel Pedroso de Lima (Lima, 2004: 68) e Carmen Balesteros e Élia Mira (Balesteros e Mira, 1994: 24) respectivamente, sabe-se que esta porta foi destruída pela Câmara Municipal de Évora no século XX, podendo haver vestígios junto aos imóveis que ocupam actualmente a sua localização.

Um marco sempre presente na envolvente de quase todas as portas é o chafariz/fonte. Uns já destruídos, outros ainda presentes, todos eles tinham a importante função de oferecer água aos habitantes, já que o abastecimento domiciliário era escasso até aos anos 30 do século passado. «O cidadão comum abastecia-se nas fontes da cidade, ligando as bicas às vasilhas por uma cana vulgar tornada oca, em cujo topo superior, um chavelho amarrado à cana, servia de funil (...) (Évora, 2001: 44).

É possível encontrar um chafariz situado no Largo de Machede Velho (planta 20 e 21, nº 4) mas, de acordo com Madalena Guerreiro, «pouco se sabe do passado deste chafariz, que se compõe por um tanque de mármore, em cujas extremidades se encontram duas bicas também de mármore, das quais saem dois canos de metal actualmente selados. Contudo podem ver-se no centro da fachada duas placas de mármore. Uma na parte superior com as iniciais C.M.E, e outra rectangular e também de mármore, mas com os cantos recortados, na qual se lê a data 1867. (...) Por baixo das referidas bicas encontram-se dois blocos de pedra que apresentam visíveis sinais de desgaste, provavelmente das vasilhas ali depositadas para encher de água, remetendo assim para a sua antiguidade» (Guerreiro, 1999: 11). A sua localização estratégica e funcional faz parte do conjunto de elementos presentes nas proximidades das portas da cidade.

O Largo de Machede Velho, localizado no seguimento da Porta de Mendo Estevens (planta 21, nº 2), é rodeado maioritariamente por habitações. Nas ruas transversais a este largo - rua do Machede e rua de Mendo Estevens²⁹ - a actividade comercial encontra-se em maior abundância, já que vai coincidir com o movimentado Largo das Portas de Moura.

Contudo, junto à antiga porta, situa-se uma tasca com cerca de um século. Espaço pequeno, recolhido e escuro, a antiga taberna *Pingarinho*, encontrava-se adossada à Muralha Fernandina, como indica o elemento número 1 da planta 20.

²⁹ «Mendo Estevens (Rua de) - 1392 - Nome dum fidalgo que tinha seu palácio nesta rua» (Almeida, 1934: 51).

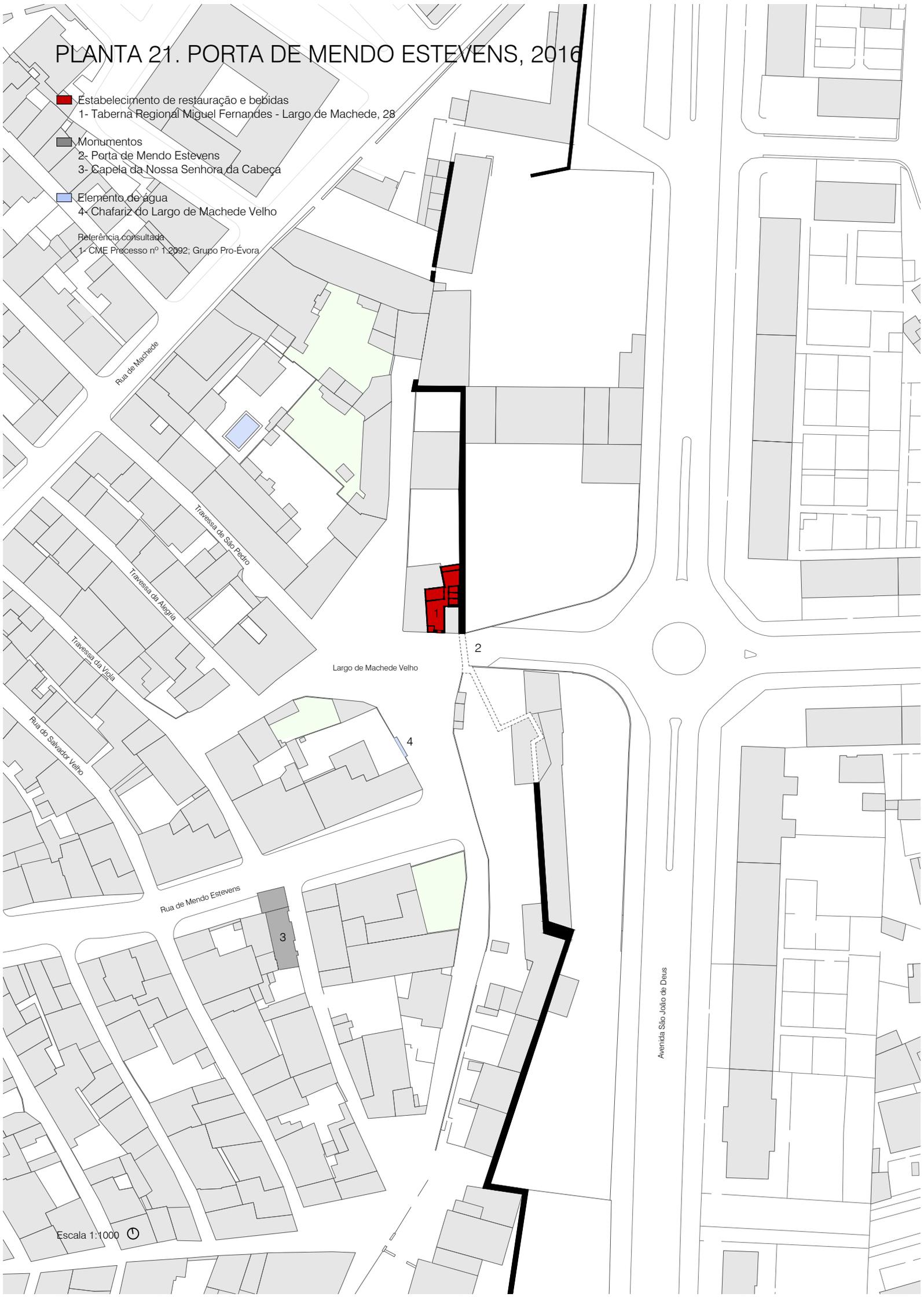
PLANTA 21. PORTA DE MENDO ESTEVENS, 2016

- Estabelecimento de restauração e bebidas
1- Taberna Regional Miguel Fernandes - Largo de Machede, 28
- Monumentos
2- Porta de Mendo Estevens
3- Capela da Nossa Senhora da Cabeça

- Elemento de água
4- Chafariz do Largo de Machede Velho

Referência consultada

- 1- CME Processo nº 12092; Grupo Pro-Évora



Escala 1:1000



Avenida São João de Deus

Com lotação total de vinte e cinco pessoas, esta tasca foi remodelada em 2002 (planta 21, nº 1; figuras 49 e 50). O espaço de recepção aos clientes era muito limitado, dificultando o objectivo de servir petiscos. Propôs-se assim uma reorganização do estabelecimento, como por exemplo, demoliu-se a instalação sanitária, a arrecadação passou a servir como cozinha (onde foi construída uma despensa), o espaço da tasca foi alargado ocupando parte da área do pátio (ficando descoberto) e construiu-se uma chaminé na cobertura para extracção de fumos da cozinha.

Ao compararmos as figuras 47 e 48 constatamos que, a zona intramuros da Porta de Mendo Estevens mantêm-se com a mesma fisionomia de há cinquenta anos. Tanto a taberna, como diversos estabelecimentos comerciais anexos a ela, têm permanecido no mesmo local há várias décadas.



Figura 47. Entrada do Largo de Machede, anos 60.



Figura 48. Entrada do Largo de Machede, 2015.

As figuras 47 e 48, com cinquenta anos de diferença, mostram que pouco foi alterado no Largo de Machede Velho.



Figura 49. Tasca Miguel Fernandes, 2015.



Figura 50. Tasca Miguel Fernandes, 2015

As figuras 49 e 50 representam a tasca *Miguel Fernandes* - localizada no centro do conjunto edificado - sendo dos poucos estabelecimentos comerciais de bebidas que permanece há um século no mesmo local. Apesar de existir no Largo de Machede bastante movimentação automóvel, podemos constatar através das duas figuras que é um local de passagem pedonal frequente e de fácil acesso à estrutura comercial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A localização das tascas está relacionada com o urbanismo de uma cidade. As portas urbanas possuem usos e vivências de representação militar, religiosa e pública, onde a alimentação e estadia complementam este padrão. As tascas são uma peça essencial neste conjunto e são tão importantes quanto os outros elementos. Além de serem incitadoras do comércio e da estrutura urbana e social da cidade, as tascas funcionavam como estalagens, revelando-se um negócio muito lucrativo. Mais do que estabelecimentos de confecção de refeições e de comercialização de vinho, estes lugares de fronteira foram palco de transformações sociais, culturais, tendo particular importância para a realização de transacções comerciais.

Os vestígios arquitectónicos da época romana retratam que estas estruturas de venda de bebida sempre se situaram nas vias de comunicação mais importantes. Sempre foram frequentadas também na era medieval, sendo que algumas delas fixavam-se em pontos estratégicos da cidade.

No entanto, as tascas sofreram transformações com o decorrer do tempo. Nesta investigação verificou-se que a legislação do século XX conduziu a medidas distintas para estes estabelecimentos a nível da arquitectura e, em alguns casos, a nível de localização.

No início do século passado, o sector primário era predominante em Portugal. Este ramo era essencial para a riqueza dos mais variados proprietários do país. Apesar da má qualidade do vinho, o Estado Novo implantou medidas de propaganda para escoar mais facilmente o excesso de produção. Assim, o surgimento de tascas foi exponencial, coincidindo com zonas de carácter industrial de maior circulação de pessoas e bens como, no caso de Évora, as portas medievais. Este acontecimento, conjuntamente com outros factores, contribuiu para o aparecimento de novos bairros na zona extramuros.

Porém, nos anos 60 e 70 verificou-se outra realidade. Realizaram-se processos de higienização de estabelecimentos comerciais através de novos decretos-lei, fazendo com que muitas casas de bebidas encerrassem e se alterassem nas décadas seguintes. Os processos de fabrico de vinho começaram a ser encarados de forma mais cuidadosa e segura, tendo em conta a adesão de Portugal à CEE em 1986. Por conseguinte, as tascas deixaram de ter como função identitária a produção vinícola no próprio estabelecimento.

Em Évora, possuímos elementos arquitectónicos, impressos e fotográficos que nos indicam que as Portas de Avis, Portas da Lagoa, Porta de Alconchel, Porta do Raimundo e a Porta de Mendo Estevens, continuam tascas na sua envolvente, com características distintas das que existem actualmente. Algumas delas foram demolidas e outras modificadas, por resultado dos diversos programas políticos efectuados no século passado.

A porta de uma urbanização reveste-se de um sentido múltiplo: é sítio de fronteira, de comunicação e de passagem. Esta unidade espacial urbana conferiu actividades distintas nas várias entradas da cidade durante vários séculos, proporcionando-se momentos de pausa, repouso, refeição e diversão.

Embora se tenham perdido determinadas funções que se realizavam nos arrabaldes da cerca amuralhada, as portas medievais de Évora contêm um legado de tascas, que se inserem num conjunto de acessórios que lhe são naturais como: elementos urbanos adjacentes que são o suporte físico de trocas entre o interior e o exterior (largos/terreiros), elementos religiosos para protecção "sagrada" das entradas da cidade (ermidas/capelas) e pontos de água nos acessos viários mais importantes, edificados durante os séculos XV-XIX, para o abastecimento público e de gado (fontes/chafarizes).

Apesar da adaptação ao contexto e exigências actuais, a tipologia das tascas ainda permanece no mesmo local, há várias décadas. Encontrando-se nos dias de hoje em número muito reduzido (e praticamente desaparecidos espaços ainda íntegros), estes lugares de fronteira, que fazem parte da muralha e entrada da urbanização, demonstram uma contemporaneidade funcional.

Em relação à decoração e ocupação do espaço, ainda existem algumas semelhanças com o que era comum há quarenta anos, tal como o balcão de alvenaria ou de madeira com tampos de chapa zincada ou mármore, ou simplesmente de madeira forrada de substância facilmente lavável, mesas quadradas e bancos corridos ou individuais também de madeira, o barril de vinho, o garrafão, copos, jarros e azulejos na parede. A decoração das tascas em muito está associada aos objectos usados no seu quotidiano, de modo a que seja funcional. Continua a ser um espaço amplo, simples nos aspectos arquitectónicos, fresco e com pouca luz. A falta de organização, o piso irregular - por vezes de terra batida - a despreocupação na sua decoração e a importância da funcionalidade retratam a época da arquitectura popular portuguesa.

No entanto, a partir dos anos 80/90 houve mudanças a nível político, social e económico que contribuíram para uma modernização destes espaços, misturando diferentes elementos do passado e do presente, como o caso das talhas que desempenham somente uma função decorativa. De um modo geral, as transformações verificaram-se a nível da pavimentação, revestimento de paredes, cozinha, aumento da área de refeições e instalações sanitárias para ambos os sexos.

A substituição da designação de taberna por cafés, *snak-bares* ou similares, no alvará que permite o funcionamento legal destes estabelecimentos, poderá em parte ter descaracterizado a longo prazo estes espaços. Porém, temos em Évora lojas de venda de bebida com o nome "Tasquinha a Mata", "Tasquinha Malagueta" e "Tasca Miguel Fernandes", que se encontram junto às portas urbanas. Isto demonstra que estas estruturas continuam a ser designadas como elementos culturais e identitários, que não se podem perder.

Com este trabalho esperamos transmitir conhecimento sobre um tema pouco explorado, fornecendo bases mais sólidas para futuras investigações relativamente a estes espaços arquitectónicos, que contribuíram para o desenvolvimento da cidade e interferiram nas portas, despertando noutros o interesse para que mais estudos sobre este caso sejam levados a cabo.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECAS E ENTIDADES

- Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora.
- Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora.
- Biblioteca Geral da Universidade de Évora.
- Biblioteca Pública de Évora.
- Câmara Municipal de Évora.
- Direcção Regional de Cultura do Alentejo.
- Livraria Municipal de Évora.
- Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora.
- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico.

PROCESSOS DE OBRAS

- Processos nºs 1.701; 1.1410; 1. 2092; 1. 2676; 1. 6317; 1.8121, do Arquivo de Secção de Obras da Câmara Municipal de Évora, relativos aos estabelecimentos comerciais de restauração e bebidas.
- Processo nº 2.00.001; LOC 156, da Direcção Regional de Cultura do Alentejo de Évora, relativo aos dados sobre obras de restauro e conservação das muralhas Fernandinas, recolhidas no Arquivo da DGEMN.
- Processo nº 14-B/92, Variante A EN 114, do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora, relativo à construção do novo troço da variante A EN 114.

LEGISLAÇÃO

- Diário do Governo II Série, nº 253, 10 de Outubro, 1962 - Regulamento das Condições Sanitárias a Observar nos Estabelecimentos Hoteleiros e Similares.
- Decreto de Lei 519-D/79 de 28 de Dezembro - Demarcação de novas regiões vinícolas com indicações de melhoria na produção e comercialização dos vinhos de qualidade em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abel, António. (2008). *Os limites da Cidade*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Universidade de Évora, Évora.
- Adams, William. (1881). *The buried cities of Campania; or Pompeii and Herculaneum, their history, their destruction and their remain*. London: Nelson and Sons.
- Aldrete, Gregory. (2004). *Daily Life in the Roman City: Rome, Pompeii and Ostia*. Westport, CT: Greenwood.
- Almeida, Claudino de. (1934). *Ruas de Évora, subsídios para a explicação dos seus nomes*. Évora: Gráfica Eborense.
- Balesteros, Carmen e Mira, Élia. (1994). *As muralhas de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora/Escola Secundária Gabriel Pereira.
- Beirante, Ângela. (1988). *Évora na Idade Média*. Dissertação de Doutoramento em História, F.C.S.H da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Borges, Ana. (1988). *Évora: Da reconquista ao século XVI*. Trabalho apresentado em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Évora, Évora.
- Campos, Luciana de. (2013). In Taverna Quando Sumus: A taberna medieval como espaço de prazer e poder. *Revista História, imagens e narrativa*. N.º16, pp. 1-20. <http://www.historiaimagem.com.br/>.
- Carvalho, Afonso de. (2004). Da toponímia de Évora. Dos meados do séc. XII a finais do séc. XIV. In Abel, António, *Os limites da Cidade*. Évora (p.138) Universidade de Évora, Évora.
- Erdkamp, Paul. (2013). *The Cambridge Companion to Ancient Rome*. United States of America: Cambridge University Press.
- Espanca, Túlio. (1949). *Évora - Guia Artístico - Histórico*. Évora: Comissão Municipal de Turismo de Évora.
- Évora. Câmara Municipal. (2001). *Riscos de um Século - Memórias da evolução urbana de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Fernandes, Maria. (2007). Os restauros do século XX, de 1900 à classificação mundial. *Revista Monumentos*. Lisboa, DGEMN. N.º 26, pp. 144-155.
- Fernandes, Maria. (1998). *Os "Restauros" e a memória da cidade de Évora*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, Évora.

- Freire, Dulce. (1997). Retratos de um país vinícola. *Revista História*. [S. l.]. Ano XIX (Nova Série), n.º 35, pp. 6-19.
- Freire, Dulce. (2010). *Produzir e Beber. A questão do vinho no Estado Novo*. Lisboa: Âncora.
- Freire, Dulce. (1999). Propaganda vitícola no Estado Novo. A bebida nacional. *Revista História*. [S. l.]. Ano XX (Nova Série), n.º 10, pp. 21-28.
- Guerreiro, Madalena. (1999). *Chafarizes e fontes públicas da cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Holleran, Claire. (2012). *Shopping in Ancient Rome: The Retail Trade In The Late Republic And The Principate*. Oxford: Oxford University Press.
- Le Goff, Jacques. (1980). Histoire de la France Urbaine. In Borges, Ana, *Évora: Da reconquista ao século XVI* (p.108). Universidade de Évora, Évora.
- Lima, Miguel. (2004). *Muralhas e Fortificações de Évora*. Lisboa: Argumentum.
- Lousada, Maria. (2004). A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime. In Ventura, Graça, *Os espaços de sociabilidade na Ibero-América (sécs. XVI- XIX)* (pp. 95-120). Lisboa: Colibri.
- Manizola, Fundo da. (1591). Livro das Visitações dos Oratórios desta cidade de Évora. In Borges, Ana, *Évora: Da reconquista ao século XVI* (p. 148-149). Universidade de Évora, Évora.
- Pereira, Humberto. (2009). *Vazios Úteis - O Espaço público de Évora*. Dissertação do Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, Universidade de Évora, Évora.
- Pro-Évora, Grupo. (1992). *Exposição Fotográfica – Tabernas de Évora*. Évora: Grupo Pro-Évora.
- Puerto, Honorio. (1993). *Tabernas For Ever*. Badajoz: Regional da Extremadura.
- Rodrigues, Ana. (2014). *Regulação Urbanística e forma da nova expansão urbana: o caso de Évora*. Tese de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rodrigues, João. (2012). *A memória e a actualidade das tabernas do concelho de Grândola*. Trabalho de Projecto Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

- Santos, Fabiano. (2009). *Lira dissonante: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa*. São Paulo: UNESP.
- Simplício, Domingas. (2003). Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. XIX, Geografia I série, pp. 365 - 372.
- Val-Flores, Gustavo. (2010). *A evolução urbana do centro histórico de Évora - Eborá Liberalistas Iulia. Território e Cidade Séc. I a.C. - IV d.C.* Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Wilhelm, James. (1990). *Lyrics of the Middle Ages: An Anthology*. United States of America: Taylor & Francis.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Figura 1. Cartaz a apelar ao consumo de vinho, editado pela Junta Nacional do Vinho, 1939 © Freire, Dulce. (1999). Propaganda vitícola no Estado Novo. A bebida nacional. *Revista História*. [S. l.]. Ano XX (Nova Série), n.º 10, p. 28;

Figura 2. Tasca Miguel Fernandes, junto à Porta de Mendo Estevens, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 3. Antiga tasca junto à entrada da Porta de Avis (canto esquerdo), anos 60 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 4. Muralhas e Fortificações de Évora, 2004 © Miguel Lima;

Figura 5. Exposição Fotográfica - Tabernas de Évora, 1992 © Grupo Pro-Évora;

Figura 6. Plantas e alçados de um projecto para uma entrada do edifício situado na Rua do Muro, nº 2 (que mais tarde viria a ser a tasca Má-Modo), anos 20/30 © Câmara Municipal de Évora; Processo nº 1.1410;

Figura 7. Planta de Thermopolium, Pompeia © Adams, William. (1881). *The buried cities of Campania; or Pompeii and Herculaneum, their history, their destruction and their remain*. London: Nelson and Sons, p.59;

Figura 8. Taberna representada nas ruínas arqueológicas da cidade romana de Pompeia, Vetutius Placidus © <http://http://kkw2012.blogspot.pt/2010/12/31.html>;

Figura 9. *La taberna*, 1460 © Campos, Luciana de. (2013). In *Taverna Quando Sumus: A taberna medieval como espaço de prazer e poder*. *Revista História, imagens e narrativa*. N.º16, p. 4;

Figura 10. *Codex Buranus*: Miniatura da folha 89. Imagem representativa da colecção de canções *Carmina Burana*, nos finais do século XIII © <https://amulherdas10flechas.files.wordpress.com/2012/06/codex-buranus-miniatura-del-foglio-89.jpg>;

Figura 11. *Deixando a taberna*, Jan Steen © http://www.academia-vinhaevinho.com/menu_rodape/-/-/sobre;

Planta 1. Évora intramuros, 2016 - Elementos constituintes das entradas da cidade © Mónica Lamas;

Planta 2. Évora, perímetro amuralhado romano (séc. III d. C) - Portas romanas © Mónica Lamas;

Planta 3. Évora intramuros, 2016 - Portas medievais, largos e terreiros © Mónica Lamas;

Planta 4. Évora intramuros, 2016 - Ermidas, capelas, conventos, igrejas, chafarizes e fontes públicas © Mónica Lamas;

Figura 12. Antiga taberna no Largo de Avis, junto à capela da N. S^a do Ó, com entrada pela muralha (lado direito), 1900-1910 © José Monteiro Serra, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 13. Plano de restauro de 1963, DGEMN © Pereira, Humberto. (2009). *Vazios Úteis - O Espaço público de Évora*. Dissertação do Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, Universidade de Évora, Évora, p. 78;

Figura 14. Tasca Manel dos Potes, Évora, 20015 © Mónica Lamas;

Planta 5. Évora, 2016 - Tascas intramuros © Mónica Lamas;

Planta 6. Évora, 2016 - Estabelecimentos de restauração e bebidas junto às portas medievais © Mónica Lamas;

Planta 7. Évora, 2016 - Portas de Avis © Mónica Lamas;

Planta 8. Portas de Avis, anos 60 © Mónica Lamas;

Planta 9. Portas de Avis, 2016 © Mónica Lamas;

Figura 15. Largo de Avis, 1900-1910 © José Monteiro Serra, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 16. Largo de Avis, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 17. Porta de Avis, anos 50 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 18. Porta de Avis, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 19. Portas de Avis, anos 80 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 20. Portas de Avis, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 21. Estrada de ligação entre as Portas de Avis e as Portas da Lagoa, anos 80 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 22. Actual estrada da antiga ligação entre as Portas de Avis e as Portas da Lagoa, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 23. Primitiva Porta de Avis, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 24. Restaurante Porta d'Aviz, 2015 © Mónica Lamas;

Planta 10. Évora, 2016 - Portas da Lagoa © Mónica Lamas;

Planta 11. Portas da Lagoa, anos 60 © Mónica Lamas;

Planta 12. Portas da Lagoa, 2016 © Mónica Lamas;

Figura 25. Antiga tasca junto às Portas da Lagoa, anos 60 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 26. Ruína da antiga tasca junto às Portas da Lagoa, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 27. Portas da Lagoa, 1910-1920 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 28. Portas da Lagoa, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 29. Portas da Lagoa, 1941 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 30. Portas da Lagoa, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 31. Antiga tasca junto à Porta da Lagoa (ao fundo), anos 60 © David Freitas, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 32. Aspecto actual da envolvente junto às Portas da Lagoa, 2015 © Mónica Lamas

Figura 33. Portas da Lagoa, 2015 © Gonçalo Pôla;

Figura 34. Portas da Lagoa, 2015 © Gonçalo Pôla;

Planta 13. Évora, 2016 - Porta de Alconchel © Mónica Lamas;

Planta 14. Porta de Alconchel, anos 60 © Autor desconhecido, Mónica Lamas;

Planta 15. Porta de Alconchel, 2016 © Mónica Lamas;

Figura 35. Rua de Serpa Pinto, 1890-1920 © José Monteiro Serra, Arquivo fotográfico municipal de Évora;

Figura 36. Rua de Serpa Pinto, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 37. Aspecto geral do largo exterior da Porta de Alconchel, anos 60 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 38. Aspecto geral do largo exterior da Porta de Alconchel, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 39. Vista geral do Largo das Alterações e café Grão D' Ouro, 2015 © Gonçalo Pôla;

Figura 40. Tasquinha Malagueta, 2015 © Mónica Lamas;

Planta 16. Évora, 2016 - Porta do Raimundo © Mónica Lamas;

Planta 17. Porta do Raimundo, anos 60 © Mónica Lamas;

Planta 18. Porta do Raimundo, 2016 © Mónica Lamas;

Figura 41. Edifício anexo à muralha junto à Porta do Raimundo, anos 60 © David Freitas, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 42. Porta do Raimundo, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 43. Vista parcial da Muralha de Évora entre a Porta do Raimundo e a Porta de Alconchel, 1950 - 1956 © David Freitas, Arquivo fotográfico municipal de Évora;

Figura 44. Vista parcial da Muralha de Évora entre a Porta do Raimundo e a Porta de Alconchel, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 45. Porta do Raimundo, 2015 © Gonçalo Pôla;

Figura 46. Tasquinha A Mata, 2015 © Gonçalo Pôla;

Planta 19. Évora, 2016 - Porta de Mendo Estevens © Mónica Lamas, 2016;

Planta 20. Porta de Mendo Estevens, anos 60 © Mónica Lamas;

Planta 21. Porta de Mendo Estevens, 2016 © Mónica Lamas;

Figura 47. Entrada do Largo de Machede, anos 60 © Autor desconhecido, Arquivo Fotográfico Municipal de Évora;

Figura 48. Entrada do Largo de Machede, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 49. Tasca Miguel Fernandes, 2015 © Mónica Lamas;

Figura 50. Tasca Miguel Fernandes, 2015 © Mónica Lamas;